

FUNDADO POR ÉDSON RÉGIS
EM 27 DE MARÇO DE 1949

Correio das Artes

Dezembro 2015 – ANO LXVI Nº 10



Vandré

A vida não
se resume a
palavras e chão



O Sesc, mantido e administrado pelos empresários do Comércio de Bens, Serviços e Turismo, visa o bem-estar social dos trabalhadores do terceiro setor, seus familiares e dependentes.

Mas o público atendido pelo Sesc é muito maior. Abrange também as populações da periferia de cidades de pequeno, médio e grande porte, que são assistidas pela entidade através de parcerias com o poder público e empresas privadas.

• Educação • Saúde • Cultura • Lazer • Assistência •



 Fecomércio PB

 Sesc

O lado cego do espelho

A fase “pós-exílio” da vida de Geraldo Vandré, o artista em que se transformou – ou foi transformado – o funcionário público e advogado Geraldo Pedrosa de Araújo Dias, continua envolto em cortina de fumaça, oriunda de um fogo que o próprio cantor e compositor, ao que parece, procura manter aceso.

Dizemos “pós-exílio”, embora o artista, em entrevistas ou conversas com amigos, tenha afirmado que se mantém exilado desde o final do ano de 1968, quando os militares que usurparam o poder baixaram o Ato Institucional nº 5, iniciando um dos períodos mais violentos da história recente do Brasil.

Ao longo de quase meio século, Vandré deve ter recusado centenas de entrevistas. A maioria dos entrevistadores estava interessada em saber – e muitos ainda sonham com isso – se, de fato, o artista foi ou não torturado pelos militares, saindo do calabouço com sequelas psicológicas irreversíveis.

Vandré já declarou, reiteradamente, que não foi maltratado pelos militares brasileiros

Geraldo Vandré já declarou, reiteradamente, que não foi maltratado pelos militares brasileiros e já cantou uma de suas novas canções – “Fabiana” – com cadetes da Aeronáutica.

e já cantou uma de suas novas canções – “Fabiana” – com cadetes da Aeronáutica, a quem a música é dedicada. Mesmo assim a dúvida permanece, alimentada por expressões e comportamentos do artista que, às vezes, contrariam as convenções sociais.

Talvez nunca se saiba o que de fato aconteceu com Vandré após retornar do exílio, em 1973. E talvez isso não interesse tanto quanto ter consciência de seu legado artístico, composto de poemas e belas canções de amor, grande parte inédita em livro e disco, por decisão do seu criador.

No entanto, há um livro que ajuda o leitor a formar uma opinião acerca do que teria acontecido com Vandré. Mais que isso. Que lhe resgata a trajetória – dentro dos limites do que uma obra escrita pode fazer –, devolvendo ao artista o carinho, o respeito e a admiração que a parte alienada do país de hoje lhe nega.

O título do livro é *Vandré: o homem que disse não*. O seu autor é o jornalista, escritor e compositor Jorge Fernando dos Santos. Na tentativa de contribuir para a construção de uma nova postura diante da vida e obra de Vandré, o *Correio das Artes* traz uma resenha do livro e uma entrevista com o autor da biografia.

O Editor

índice



VANDRÉ

O escritor Jorge Fernando dos Santos assina uma das melhores reportagens-biográficas sobre o cantor e compositor paraibano Geraldo Vandré.



DYÓGENES

O artista visual, designer, curador e editor Dyógenes Chaves revela que tem verdadeira obstinação por tudo o que faz, em trinta anos de atividade.



MARIANO

O poeta e escritor André Ricardo Aguiar faz a resenha do livro de contos *O dia em que comemos Maria Dulce*, de Antônio Mariano.



ALICE

Gabriela Leite analisa o livro *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll, obra que continua oferecendo chaves para o autoconhecimento.



O *Correio das Artes* é um suplemento mensal do jornal **A UNIÃO** e não pode ser vendido separadamente.

A União Superintendência de Imprensa e Editora
BR-101 - Km 3 - CEP 58.082-010 - Distrito Industrial - João Pessoa - PB
PABX: (083) 3218-6500 - FAX: 3218-6510
Redação: 3218-6509/9903-8071
ISSN 1984-7335
editor.correiodasartes@gmail.com
http://www.auniao.pb.gov.br

Secretário Est. de Comunicação Institucional
Luís Tórres
Superintendente
Albiego Fernandes
Diretor Administrativo
Murillo Padilha
Câmara Neto

Diretor Técnico
Walter Galvão
Diretor de Operações
Gílson Renato
Editor Geral
Walter Galvão

Editor do Correio das Artes
William Costa
Supervisor Gráfico
Paulo Sérgio de Azevedo
Editoração
Paulo Sérgio de Azevedo

Arte da capa
Domingos Sávio
Ilustrações e artes
Domingos Sávio, Tonio, Livia Costa, Icaro Medeiros
 GOVERNO DA PARAIBA

Geraldo Vandré

Grande concerto de amor que virou silêncio

REPORTAGEM-BIOGRÁFICA DE JORGE FERNANDO AJUDA O LEITOR A ENTENDER O CIDADÃO GERALDO PEDROSA DE ARAÚJO DIAS E O MITO EM QUE TRASFORMOU-SE (OU FOI TRANSFORMADO) E DO QUAL O ARTISTA TENTA LIVRAR-SE

William Costa
Editor do *Correio das Artes*

Quem nasce de frente para a Lagoa dos Irerês, cresce vendo pássaros, e sente inevitável desejo de voar. Ir além do horizonte, por sobre as nuvens, como piloto de avião que decola do Campo da Imbiribeira. Sem o domínio da máquina, resta fazer das canções asas, para encontrar, no céu, a liberdade.

Existem coisas na vida cujo fado é o mistério. Não há inteligência ou vontade humana capaz de lhes decifrar o enigma. E talvez não valha a pena conhecer a verdade, tendo em vista, acima de tudo, que a verdade, em determinadas situações, pode não ser monolítica, e sim pedras rolando montanha abaixo.

Não é o caso de aceitar as versões, em detrimento dos fatos, por considerar estes mais fantasiosos, portanto mais palatáveis que a, normalmente, dura reali-

dade. Mas de entender que a vida apresenta situações que, às vezes, estão acima da compreensão humana, “por razões que a própria razão desconhece”.

Homero existiu de fato? Quem foi Shakespeare? Até onde se sabe, será difícil, provavelmente impossível desvendar quem foram esses dois colossos da literatura universal. Assim acontece com Geraldo Vandré, a “persona” da qual Geraldo Pedrosa de Araújo Dias, ao que parece, tenta se separar.

Há quem entenda que, melhor do que saber se Homero ou Shakespeare existiram, é saber o que dizem suas obras. Por este mesmo viés, ouvir atentamente as canções e as palavras de Vandré talvez seja mais importante que tentar lhe extrair declarações sobre sua vida anterior e o país em que vive. ▶



Geraldo Vandré explica ao governador Ricardo Coutinho sua ideia de trabalhar uma sinfonia para piano e orquestra com a Orquestra Sinfônica da Paraíba

► Vandré esteve em João Pessoa, este mês, participando do Fest Aruanda. E deu entrevistas. Em um breve comentário sobre os dois Brasis – aquele em que ele cantava e este em que calou seu canto –, disse, ironicamente, que naquele tinha os festivais e neste, o Rock in Rio.

Vandré nunca parou de escrever poemas e compor canções. Um dos trabalhos inéditos é uma sinfonia para piano e orquestra. Durante um encontro com o governador Ricardo Coutinho, este mês, na Granja Santana, por exemplo, o artista manifestou o desejo de trabalhar a sinfonia com a Orquestra Sinfônica da Paraíba.

De um modo geral, todos continuam querendo saber “o que houve com Vandré?”, a causa do silêncio que o artista impôs a si mesmo, após retornar ao Brasil, em 1973. Teria sido torturado pelos militares? Esta é a pergunta que ainda insistem em fazer, e que ele parece não suportar.

No livro *Vandré: o homem que disse não* o jornalista, escritor e compositor Jorge Fernando dos Santos segue o que restou das pegadas de Vandré, nas areias do tempo e do espaço, tentando encontrar respostas que estilhem a redoma sob a qual o ar-

tista paraibano, ao que parece, tenta se proteger do passado.

Adiantamos que não há uma revelação bombástica em *Vandré: o homem que disse não*. Uma frase lapidar, tipo picador de gelo. Seu autor não conseguiu nem mesmo uma única declaração do biografado, para ilustrar sua obra com palavras oriundas de fonte de evidências mais cristalinas.

Mas a biografia escrita por Jorge Fernando é, seguramente, um dos mais importantes “estudos” já realizados sobre a vida e a obra de Geraldo Vandré. Em primeiro lugar, por oferecer ao leitor chaves que o capacitam a decifrar, por sua própria conta e risco, o que, de fato, aconteceu com Vandré.

As evidências de que Vandré teria sido torturado e, por isto, silenciado, contrastam com declarações do artista, que nega maus tratos nos calabouços da ditadura e alude à desconstrução do Brasil do tempo em que compunha e cantava como a causa primeira do exílio que impôs a si mesmo.

É provável até que, nos versos de “Pequeno concerto que virou canção”, Vandré já anunciasse, para ouvidos surdos para a poesia, o futuro sombrio que esperava por ele e o país que sonhava construir: “Eu vou

voltar pra mim/ Seguir sozinho assim/ Até me consumir/Ou consumir/Toda essa dor...”.

Vandré: o homem que disse não é fruto de uma minuciosa e apaixonada pesquisa. As informações que ele contém, segundo diz o autor, na introdução, “foram garimpadas em outras biografias, depoimentos, documentários, matérias jornalísticas, estudos e ensaios publicados nos últimos cinquenta anos”.

Jorge Fernando reconstituiu o ambiente de grande efervescência cultural e alta temperatura política – o Brasil das décadas de 50 a 70, –, em que Vandré temperou a espada artística por meio da qual libertaria a canção brasileira, digamos assim, de certo “conformismo”, sem render-se ao panfleto.

Vandré projeta-se na cena musical brasileira na era dos grandes festivais da canção internacional e da música brasileira. Para a juventude engajada, suas canções tornam-se verdadeiros hinos de protesto contra a ditadura militar, cujo exemplo maior é “Pra não di- ►

▶ zer que não falei das flores – Caminhando”.

A finalíssima da fase nacional do terceiro Festival Internacional da Canção, no dia 29 de setembro de 1968, no Maracanãzinho, Rio de Janeiro, com Vandré defendendo “Caminhando” contra “Sabiá”, de Chico Buarque e Tom Jobim, é um dos mais importantes capítulos da história da cultura musical brasileira.

À medida que Vandré projeta-se, nacionalmente, em um momento de consolidação da televisão e da indústria fonográfica, cresceria também, dentro dos quartéis, um ódio visceral contra aquela voz que fala de “soldados armados, amados ou não/Quase todos perdidos de armas na mão”.

Após a decretação do Ato Institucional nº 5, em dezembro de 1968, o país conheceria a mão de ferro e assassina do regime militar. Cassações, prisões, torturas, assassinatos, asilos, exílios... Circulam informações de que militares estariam à procura de Vandré. Sentindo-se ameaçado, ele deixa o país.

Vandré teria partido para o exílio no dia 16 de fevereiro de 1969, retornando ao Brasil em 17 de julho de 1973. Os detalhes tanto da ida como da volta também não estão totalmente esclarecidos. Foram cerca de cinco anos, em um roteiro que inclui, entre outros países, Chile, França, Alemanha, Grécia e Bulgária.

Durante este “périplo”, Vandré faz show e grava discos, tentando reconstruir a carreira em um contexto radicalmente diferente. Jorge Fernando assinala que *Das terras de benvirá* é o último trabalho fonográfico de Vandré. “São quarenta e um minutos e cinquenta e sete segundos distribuídos em oito faixas”, destaca.

O exílio forçado teria sido a primeira grande tortura, para Vandré. O artista sofreria enorme desgaste emocional ao ver interrompido o seu projeto de reformulação das expressões culturais populares, por meio da música, que recrudescia na razão direta da saudade que ele sentia da terra natal.

FOTO: DIVULGAÇÃO



Jorge Fernando dos Santos, autor de Vandré: o homem que disse não (*Geração Editorial*)

Há um período nebuloso, de aproximadamente um mês, entre o dia em que Vandré pisou em solo nacional, efetivamente, e as primeiras notícias dando conta de seu regresso. Estaria aí, neste interregno, o segredo do suposto interrogatório do artista por componentes da linha-dura das forças armadas.

No livro, registra-se que Dr. José Vandregíselo – pai de Vandré – teria assinado um documento assegurando que o filho não iria mais cantar no Brasil, e este, por sua vez, também teria se comprometido a explicar, na televisão, os motivos pelos quais teria deixado e retornado ao país.

A montagem do quebra-cabeça só é possível juntando as partes formadas pelos depoimentos do artista e de pessoas que conviveram de perto com ele. Nilce Tranjan, ex-mulher de Vandré,

por exemplo, em entrevista à revista *MPB Compositores*, afirma que “o exílio para Geraldo foi enlouquecedor”.

Em depoimento para o livro, a historiadora Dalva Silveira destaca que “o exílio parece ter sido um dos fatores que contribuíram para a ‘morte em vida’ do compositor Geraldo Vandré, ou seja, para a sua transformação definitiva no advogado Geraldo Pedrosa de Araújo Dias”.

“Tudo indica – assinala Jorge Fernando, na biografia do autor de “Caminhando” – que o fato de ter sofrido pressões e deixado o país clandestinamente – para não ser preso, torturado ou mesmo assassinado pela repressão – agravou as características excêntricas apontadas em Vandré”.

Para o biógrafo, Vandré, “ao encontrar um novo Brasil, dominado pela massificação, ele pode ter levado um choque ao constatar que seu tempo havia passado”. E vai mais além, ao supor que o compositor, possivelmente, teria “sido vítima de um estresse pós-traumático”.

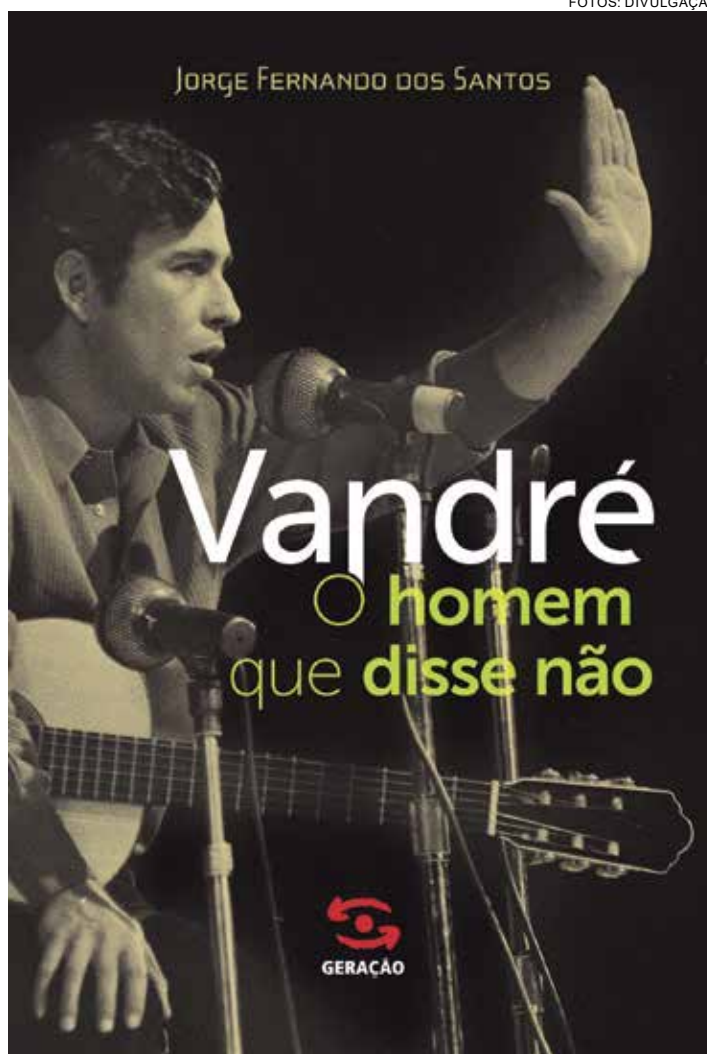
As palavras de Vandré exigem atenção. Como estas, pronunciadas durante uma conversa com o jornalista Assis Ângelo, e reproduzidas no livro de Jorge Fernando: “Há pessoas que cantam por cantar. Eu, além de precisar de motivos pra cantar (...), já sei também que é preciso, às vezes, não cantar”.

Na mesma conversa com Ângelo, Vandré alerta: “De algum modo, o silêncio que faço nesses 22 anos é parte da minha canção. (...) A vida como um todo é uma canção que tem momentos de grande sonoridade, como também momentos de grandes pausas. É o caso”.

Vandré não se reconcilia com a República Federativa que sucedeu os Estados Unidos do Brasil, após o golpe militar. A República que lhe cassou o emprego e o vê como um anistiado, portanto, de acordo com o seu entendimento, como um criminoso. Optou pela lucidez extrema. E esta parece ser sua verdadeira loucura. ✦

Não, Fernando. Sim, Vandrê.

PARA O ESCRITOR JORGE FERNANDO DOS SANTOS, AUTOR DA BIOGRAFIA VANDRÊ: O HOMEM QUE DISSE NÃO, "DR. GERALDO PEDROSA PODE ATÉ SER ESQUECIDO, MAS GERALDO VANDRÊ É UM PATRIMÔNIO DA NOSSA CULTURA QUE NÃO PODE SER IGNORADO"



O jornalista, escritor e compositor Jorge Fernando dos Santos (Belo Horizonte, 1956) é autor de mais de quarenta livros, em vários gêneros, entre eles o premiado romance *Palmeira Seca* (Marco Zero, 1991). No entanto, ele reconhece que a biografia não autorizada *Vandrê: o homem que disse não* (Geração Editorial, 2015) tornou-se sua obra de maior sucesso em termos nacionais.

Não é para menos. O novo livro de Jorge Fernando já está sendo considerado um dos mais importantes "estudos" sobre a vida e a obra do cantor e compositor paraibano (João Pessoa, 1935), autor de músicas que instauraram um divisor de águas na história da música popular brasileira, pelo valor estético, e irritaram profundamente a ditadura militar, pelo teor político.

Vandrê: o homem que disse não foi lançado em várias cidades brasileiras – entre elas João Pessoa –, levando o autor a conceder inúmeras entrevistas, inclusive para veículos de circulação nacional, como *O Globo*, *Isto É*, rádio CBN e o programa *Sem Censura* da Rede Brasil, além de ser tema de muitas reportagens e não poucas críticas em diversos jornais do país.

Segundo Jorge Fernando, o mais importante de tudo isso foi trazer de volta o interesse pela obra musical de Geraldo Vandrê. "Infelizmente, até mesmo pelas dificuldades que ele impõe às tentativas de regravação de suas músicas, o público quase o ignora", observa o autor, na entrevista exclusiva que concedeu ao *Correio das Artes*, para e-mail, para falar do livro, do homem e do mito.

Para Jorge Fernando, Vandrê praticamente só é lembrado pelo sucesso de "Caminhando" – segundo ele, música de melodia simples e letra forte que se tornou um hino contra todas as formas de repressão. "Mas – prossegue – o compositor Vandrê fez canções muitos mais fortes, como 'Disparada' (em parceria com Theo de Barros), 'Fica mal com Deus' e 'Arueira'".

Jorge Fernando também lembrou que Vandrê foi parceiro de alguns dos maiores nomes da MPB, a exemplo de Baden Powell, Carlos Lyra, Alaíde Costa, Moacir Santos, Hermeto Pascoal e muitos outros. "Dr. Geraldo Pedrosa pode até ser esquecido, mas Geraldo Vandrê é um patrimônio da nossa cultura que não pode ser ignorado", ressalta. Leia a seguir, na íntegra, a entrevista. ▶



Jorge Fernando revela que, ao escrever sobre Vandré, pode conhecê-lo melhor e compreender suas razões para viver num mundo à parte

► **Com base nas pesquisas e entrevistas que você realizou, para o livro, é possível concluir o que de fato aconteceu com Geraldo Vandré, após retornar ao Brasil, em 1973?**

Penso que ele sofreu um grande estresse com a realidade do exílio. Aqui ele era um grande ídolo da MPB. No Chile, era quase um desconhecido. Ao retornar, estava profundamente deprimido. Teve que negociar a volta com os militares, gravar um vídeo pra televisão dando explicações e garantindo que só fazia canções de amor. Também se deparou com a censura e o advento da chamada cultura de massa. A tudo isso foi somada a indiferença ou mesmo a incompreensão da esquerda, que o queria ter como mártir da causa socialista. Por tudo isso, Vandré perdeu o interesse pelo trabalho e se recolheu ao seu próprio mundo.

Qual será o destino das canções e poemas inéditos que Vandré vem escrevendo ao longo dos anos? Sabe dizer se o artista mantém algum tipo de negociação, no sentido de gravar as músicas e publicar os poemas?

Pelo que sei, ele não admite gravações nem publicações do

seu trabalho. Mas tem muitos amigos, que certamente saberão o que fazer com o seu acervo quando chegar a hora.

O que poderia levar Vandré a quebrar o silêncio e voltar a cantar e gravar discos?

Neste momento ele se encontra em João Pessoa. Pelas notícias que recebi de amigos, ele recebeu homenagens, deu entrevistas, posou para fotos e até subiu num palco ao lado de Zé Ramalho. Talvez esteja querendo contradizer as biografias não autorizadas, que o apresentam como um homem exilado em seu próprio mundo, avesso ao Brasil de hoje. Ou quem sabe esteja de fato se abrindo para a realidade atual, tentando retomar a carreira de algum modo. Difícil dizer seu propósito. Tudo nele é um enigma.

Vandré lhe deu algum tipo de retorno após o lançamento da biografia?

Por enquanto, não.

O que mudou na relação do fã Jorge Fernando com o ídolo Geraldo Vandré, após a conclusão da biografia?

Minha admiração aumentou consideravelmente. Escrevendo

sobre ele, pude conhecê-lo melhor e compreender suas razões para viver num mundo à parte. Acho até que isso me influenciou na maneira de encarar tudo o que vem acontecendo no país. Sou tomado por um grande desânimo diante de tantos absurdos e concluo que não foi Vandré quem sofreu lavagem cerebral, mas os demais brasileiros, que vivem alienados por um sistema político corrupto e uma mídia inteiramente vendida à cultura de massa. Vivemos hoje numa sociedade do espetáculo, onde até mesmo o noticiário virou entretenimento.

Já tem um novo projeto de livro em andamento?

Tenho algumas propostas e ideias de novos trabalhos, mas ainda não me decidi. Publiquei até hoje 42 livros em vários gêneros. Curiosamente, *Vandré – O homem que disse não* torna-se minha obra de maior sucesso em termos nacionais. Mas isso não é mérito meu e sim do biografado. Talvez eu continue no ramo das biografias. ✖

William Costa é escritor e jornalista. Trabalha na A União, onde assina coluna de artigos e crônicas e edita o Correio das Artes. Mora em João Pessoa (PB)



Saulo Mendonça:

A breve celebração da imagem

1.

Vamos falar de fotografia: esse brinquedo que consiste em se enquadrar e reproduzir um fragmento do mundo – com o que ele passa então a nos pertencer, podendo ser revisitado, compartilhado, multiplicado até, se assim o quisermos. Ou antes esse brinquedo com que duplicamos e perenizamos um fragmento da vida para

que, paradoxalmente, ele se afirme em sua singularidade e transitoriedade (lembro que Roland Barthes, em sua *Câmara clara*, comenta o registro feito de um prisioneiro condenado à morte, instantes antes da execução). Ou, ainda, esse brinquedo de natureza enganosa, que parece sempre resultar de uma soma (daquilo que foi enquadrado), quando é, na verdade resultado de uma subtração (de tudo o que não foi).

O que sabemos afinal sobre a fotografia? Basicamente, que só é possível fotografar o presente. Isso porque a fotografia não é nada mais do que um jato de luz que rebate no objeto focado e, capturado por uma caixa escura, vai imprimir-se numa película fotossensível, ou gravar-se como imagens digitais, que hoje simulam todo esse processo. Impossível, portanto, fotografar o que já não está aqui e agora, diante de nós. Mas sabemos também que, uma vez disparado o *flash*, aquele instante capturado já não é mais presente: já se tornou memória. E que, uma vez registrado, pode vir a ser revelado (ou reproduzido) muitas vezes e muito tempo depois – projetando-se assim numa atemporalidade que nos iguala aos deuses! Tanto mais se sabemos que o que se eternizou daquele instante foi menos a imagem do que o olhar que a enquadrou.

2.

Vamos falar do haikai... essa fotografia feita de palavras, com que às vezes nos brindam os poetas. Dela conhecemos a origem, na poesia orient- ▶

FOTOS: DIVULGAÇÃO



Saulo Mendonça, autor de recados que a-mails.com e Café pequeno, recentemente lançados

tal, e também certa atmosfera contemplativa, que associamos tradicionalmente à figuração da paisagem, dos elementos naturais. Sabemos também que, em sua evolução, forma e temas livres passaram a coexistir com os rigores da fórmula acadêmica, que prevê um esquema fixo de métrica e rimas, e uma temática restrita à representação das estações do ano. Por outro lado, preservou-se intocada a tradição dos três versos, muito adequada à expressão de um olhar dialético que se lança sobre o mundo e que, nessa forma de composição, se traduz quase sempre numa justaposição de quadros arrematada por um comentário-síntese. Citado por Haroldo de Campos (em *Ideograma: lógica, poesia, linguagem*. Edusp, 1994), Donald Keene refere-se a um contraste entre *permanência* e *transformação*, o qual definiria esse gênero, para além da métrica e da disposição das rimas. Segundo Keene, “a natureza dos elementos varia, mas deve haver dois polos elétricos entre os quais salte a centelha, para que o haikai se torne efetivo”. Nada pode ser mais afeito ao espírito do haikai do que essa consciência do tempo e da transformação (lenta ou veloz) que ele impõe a tudo.

3.

Vamos falar de poesia. Da poesia do paraibano Saulo Mendonça e deste *Café pequeno*, coleção de haikais que tenho a honra e o prazer de apresentar. Orientada desde o título pelo conceito de *brevidade* (de fruição rápida, mas estimulante), a poesia aqui reunida parece, inicialmente, destinada ao típico leitor do nosso tempo, esse que está sempre apressado e *de passagem*: pela rua, pela página impressa, pela tela do visor sempre a um clique de atualizar-se, de se perder de vista. Ao leitor já cortejado antes pelo poema-minuto de Oswald, ou pelas *Odes mínimas* de José Paulo Paes, ou pela lon-

ga tradição do próprio haikai – essa forma de composição de outros tempos e de outra cultura, mas que tão bem se aclimatou entre nós. Ou esta poesia breve se dirige àquele mesmo leitor flagrado no poema “Cota zero” de Drummond, para quem a vida e o movimento do automóvel se confundem, num instante de susto (não o susto do movimento, já automatizado, mas o da parada!).

Pois é no domínio dessa brevidade e dessa rapidez imperativas que parece intervir a poesia de Saulo Mendonça. Daí que o adjetivo estampado na capa deste *Café pequeno* nos fale menos do próprio café (aqui, evidentemente, metafórico) do que do tempo de cumplicidade que ele nos solicita. Mas... só aparentemente, porque, a bem da verdade, quanto tempo nos consume, de fato, a leitura de um poema? Como medir essa brevidade, se há epigramas e haikais que têm sido digeridos ao longo de séculos... e há longos poemas que simplesmente acabam quando terminam? Nem vamos achar que o problema se resolve quando deslocamos os conceitos de rapidez e brevidade, do ato de leitura para o ato da criação. Pois, sobre esse possível engano, em *Seis propostas para o próximo milênio* (Companhia das Letras, 2001), Ítalo Calvino nos conta a história do mestre chinês a quem o rei encomendara o desenho de um caranguejo. Dez anos se passaram sem o trabalho sequer iniciado. “Ao completar-se o décimo ano, Chuang-Tsé pegou o pincel e num instante, com um único gesto, desenhou um caranguejo, o mais perfeito caranguejo que jamais se viu”.

A poesia reunida em *Café pequeno* também se equilibra sobre o paradoxo da suposta rapidez das *formas breves* e da *percepção demorada* do mundo. Daí que o título nos remeta, principalmente, àquele gesto fático, àquele convite amigo para um começo de conversa, um gesto que nos detém em meio à pres-

sa desse movimento contínuo, automatizado e que nos permite desacelerarmos, sairmos por um instante (o mais breve que seja) do curso dessa correnteza do cotidiano. Um momento em que, resgatados à margem, podemos contemplar detidamente, no curso desse rio, a longa duração dos instantes.

No verde do semáforo
passarinho em trânsito
faz seu ninho.

Um olhar *de passagem*, certo. E, no entanto, um olhar atento ao detalhe. Como no primeiro dos sessenta haikais do livro, em que se flagra a tensão entre tráfego e semáforo (cujo verde urbano substitui aqui o verde da mata); entre o pássaro (movimento) e o ninho (parada). Ou, para retomarmos a formulação de Donald Keene há pouco referida, ali estão os dois polos e, entre eles, a centelha que dá vida ao haikai. Tudo enfim numa síntese entre *permanência* e *transformação*. Estamos falando, novamente, da fotografia. Ou desse impulso que rege o poeta, de perenizar o que é transitório.

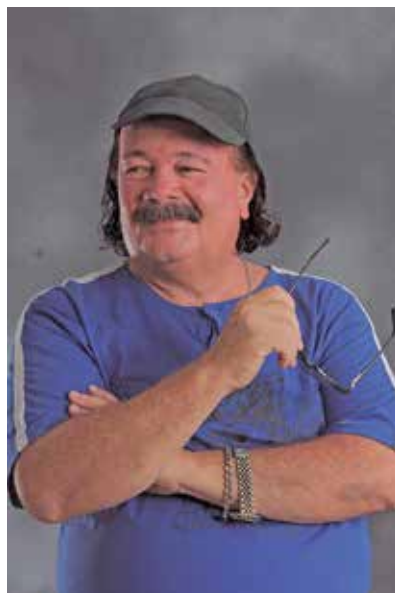
Deitada na rede
ela fica nas nuvens
agarrando estrelas.

Lá está (nesse poema da rede, por exemplo) tudo o que ficou dito antes sobre a arte da fotografia: um fragmento do mundo (da vida), um instante único, já perdido, mas emoldurado para sempre na fanopeia dessas estrelas e nuvens – sem nunca deixar, contudo, de afirmar sua fugacidade. Tudo ali é fotográfico: o primeiro enquadramento mostra a menina na rede. O segundo mostra a mesma cena da perspectiva de quem vê o céu estando dentro da rede. Para quem conhece a expressão “ficar nas nuvens”, este segundo verso fala, ao mesmo tempo, dessa imagem de flutuação experimentada pela personagem, ▶

► e do êxtase que lhe provoca a simulação do voo. O terceiro verso arremata a sequência com uma imagem grandiosa, que chegaria a contrastar com a trivialidade da cena familiar, se não suscitasse também certa leitura descritiva de um efeito tipicamente fotográfico – aquele em que o enquadramento, explorando a confusão entre o *perto* e o *longe*, cria percepções ilusórias. Ora, qualquer que seja a leitura, o que ressalta novamente aqui, nesta metáfora do “agarrar estrelas”, é a tensão entre o que se move e o que se quer capturar.

Também comum à fotografia e ao haikai é o que acima chamamos de *subtração*. Uma criteriosa arte de escolher: o objeto, o ângulo, o instante certo de capturá-lo. No poema, a escolha das palavras exatas. A imagem resultante deve nos dizer algo significativo, mas dentro dos rigorosos limites da forma. Todavia, concisão e brevidade não serão necessariamente qualidades de um poema, se não estiverem associadas a outro princípio: o da condensação – termo que Ezra Pound (numa etimologia oblíqua) transformou em sinônimo de poesia. A condensação consiste em que cada elemento significativo de uma mensagem carregue o máximo de informação possível. A poesia obtém essa característica explorando a palavra em todas as suas dimensões: som, sentido, visualidade, ambiguidades diversas. Na boa poesia, essa característica não é algo fortuito, mero acaso linguístico, mas um traço que se reitera – pois resulta de uma busca, consciente ou não, que o poeta empreende. Em formas breves, como o haikai, a condensação se impõe como uma necessidade: se há poucas palavras, é preciso que elas se desdobrem em tantos significados quantos forem possíveis. O poema breve precisa dizer o que pretende com um mínimo de recursos.

Nos poemas de *Café Pequeno*,



**A poesia reunida em
Café pequeno (de
Saulo Mendonça)
também se equilibra
sobre o paradoxo da
suposta rapidez das
formas breves e da
percepção demorada
do mundo.**

Saulo Mendonça faz valer essa lógica da condensação. Nos dois exemplos acima citados, vemos expressões que se oferecem a leituras ambíguas, multiplicando significados a partir de uma mesma forma significativa. No primeiro caso, a expressão “em trânsito” refere-se tanto à condição do passarinho migrante, como ao exato local do cenário urbano onde ele “faz seu ninho”, em meio ao tráfego dos automóveis. No segundo poema, vimos que a expressão “nas nuvens” também admite a leitura em

sentido literal e metafórico. A esses exemplos, podemos acrescentar vários outros de natureza semelhante, entre os quais destacamos os poemas 9 e 31:

Penteava os cabelos
com gestos sensuais.
Mocinha assanhada!

Forte silêncio.
Os canhões deitados
guardam o tempo.

No primeiro, o efeito de humor surge do jogo entre dois significados do adjetivo “assanhada”: o sentido literal (já que a personagem “penteava os cabelos”) e o figurado, colhido da expressão popular, em que o mesmo termo se refere ao comportamento ousado da “mocinha”, identificado em seus “gestos sensuais”. Já no segundo poema, o recurso é duplicado. Primeiro, explora-se a polissemia da palavra “forte”, que é, ao mesmo tempo, um adjetivo anteposto a “silêncio” e um substantivo pertinente ao campo semântico militar de “canhões” e “guardam”. Por fim, neste último termo, a ambiguidade é mais sutil, pois a expressão “guardam o tempo” se desdobra numa dupla metáfora: os canhões, sem uso (deitados) agora *guardam* (protegem) o tempo (na medida em que resistem como símbolo do passado e da História); mas esses mesmos canhões, decerto enferrujados, também *guardam* (em si) as marcas do tempo. E aqui nos deparamos, ainda uma vez, com aquela mesma tensão entre *permanência* e *transformação*, fundamento dessa espécie de fotografia verbal que vimos descrevendo.

O poeta haikaísta é, essencialmente, um tradutor de imagens. E Saulo Mendonça, mais do que traduzi-las, as celebra com o la(ou)vor da palavra. ✦

Expedito Ferraz Jr. é poeta e professor de Teoria Literária da Universidade Federal da Paraíba. Mora em João Pessoa (PB)

A poesia de Ivan Junqueira

José Mário da Silva
Especial para o *Correio das Artes*

Ocupo mais uma vez as páginas do querido *Correio das Artes*, desta feita para refletir sobre a admirável poesia de Ivan Junqueira, um dos mais emblemáticos artistas do verso da lírica brasileira contemporânea, citando Lêdo Ivo, soberbo inventor de linguagem e amigo particular do criador de *A Rainha Arcaica*. Para o ficcionista de *A Morte do Brasil*, “os poetas são filólogos disfarçados, que passam a vida inteira concentrados na operação linguística que é a poesia. E são também teólogos que não ousam dizer o seu nome e passam a vida inteira interrogando a existência ou inexistência de Deus”.

Extraída do ensaio *O Caminho de Ivan Junqueira*, um dos muitos que integram o belíssimo livro *Ajudante de Mentiroso*, última coletânea de apreciações literárias

do mestre alagoano, a citação, em seu cerne, traduz, com singular lucidez, a natureza dos poetas, a íntima ontologia de quem faz da palavra o reino infinito de todas as possibilidades do ser, com especialidade, um poeta transpirado como Ivan Junqueira, assumidamente avesso a uma arte verbal descurada de obstinado, quase agônico, rigor formal.

Nesse sentido, ainda seguindo os passos hermenêuticos de Lêdo Ivo, a modernidade de Ivan Junqueira é, também, a sua antimodernidade, sua deliberada recusa de ancorar o navio de sua luminosa poesia no porto mais previsível de uma modernidade historicamente demarcável. Alheia às impurezas e contaminações de um cotidiano mais rasteiro e encontrável na esquina mais próxima ou na rua mais conhecida, a poesia de Ivan Junqueira transtemporaliza-se e consorcia, nas tessituras de uma organização formal sumamente lapidada, o ontem, o hoje e o amanhã, na perseguição, ingente e urgente, dos grandes e transcendentais temas humanos, dentre os quais a morte avulta como o mais perturbador. ▶

FOTOS: REPRODUÇÃO/INTERNET



O jornalista, poeta e crítico literário Ivan Junqueira (1934-2014) nasceu e faleceu no Rio de Janeiro

► Poeta do absoluto e do mais radical mergulho nas searas do mistério do existir ou da ausência de sentido da vida para além da lápide fria da sepultura, Ivan Junqueira, diria Ezra Pound, é, predominantemente, sem embargo das outras dimensões que constituem a poesia: imagem e música, o poeta do conceito, da inquirição cognitiva das camadas mais abismais da existência. É por esse patamar que flagro no lirismo metafísico de Ivan Junqueira, na esteira do que precociza Mircea Eliade em seu clássico livro *O sagrado e o profano*, uma vertente inarredavelmente religiosa, ávida por perscrutar, transida entre a crença e o ceticismo, o que habita o outro lado da existência. *O outro lado* que, a propósito, constitui-se num dos últimos livros de poemas publicados por Ivan Junqueira. Na verdade, o último, dado que *Essa Música* somente veio a lume quando, diria Camilo Pessanha, “o olvido e o irrevogável” já haviam envolvido, com o seu insuperável halo de enigma, a existência do notável poeta.

No poema “O outro lado”, es-tribado em funda interrogação ao misterioso universo do além-túmulo, o poeta indaga:

Diz-me: o que haverá do outro lado?
A eternidade? Deus? O Hades?
Uma luz cega e intolerável?
A salvação? Ou não há nada?

O conjunto de interrogações que o poeta lança a si mesmo ou a outro interlocutor possivelmente capaz de lhe dar mínimas respostas aos seus dramas existenciais mais inquietantes traduz, no limite, o anelo de um espírito aturdido pela ideia de terminar a vida na dissolução final da matéria, inerente ao trágico espetáculo da morte. É desse embate sem tréguas, nuclearizado pelo par dicotômico vida vs. morte, que, dialeticamente, nutre-se a visceral poesia de Ivan Junqueira, seu viés inescandivelmente teológico, que tem em Deus o ponto de partida e de chegada de suas cogitações intelectuais mais profundas.

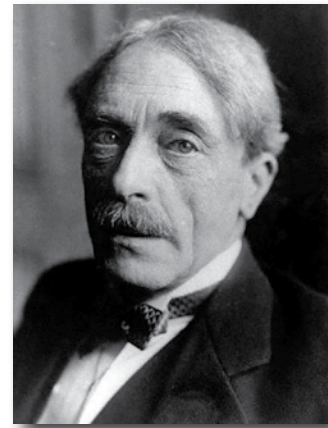
Ivan Junqueira, de igual modo, no que tange à materia-

lidade peculiar da linguagem que mobilizou em seu relativamente curto acervo poético, pouco ou nenhum tributo pagou à ruidosa geração modernista de 1922, toda ela afeiçoada à entronização do verso coloquial e vinculado às fotografias mais miméticas da paisagem nacional e politicamente comprometida.

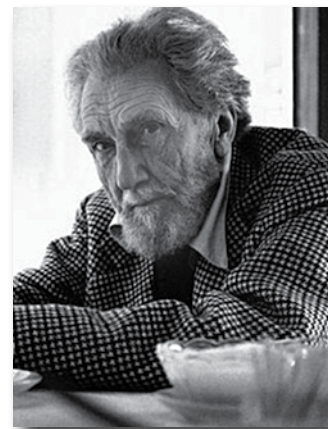
Em direção contrária, Ivan Junqueira é um poeta assumidamente desfronterizado, sem amarras regionalizantes, sem nenhum interesse na presença, ostensiva ou parcimoniosa, da chamada cor local, tantas vezes evocada pela literatura brasileira nos seus mais variados períodos históricos. No clássico ensaio *Instinto de Nacionalidade*, Machado de Assis, muito provavelmente respondendo aos que o acusavam de ser o menos nacionalista dos nossos escritores, afirmou que “o que se espera de um escritor é que ele tenha o sentimento íntimo do seu tempo e do seu país, ainda quando escreve sobre coisas remotas no tempo e no espaço”.

Tomando de empréstimo as palavras de Machado de Assis, podemos dizer que Ivan Junqueira é portador do sentimento íntimo do homem em sua atemporal essencialidade. O homem que ama, sofre, vivencia a solidão, experimenta os impactos corrosivos da passagem do tempo e, por fim, depara-se com a sua inevitável finitude: “a injúria de tornar-se pó”, conforme pontuam os versos de Lêdo Ivo presentes no metalinguístico poema *A vã feiticeira*.

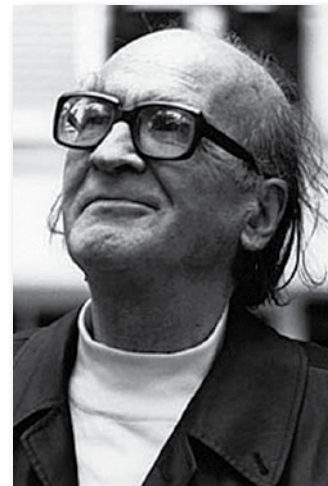
Sumamente erudito e impecável conhecedor da técnica composicional do poema em suas mais variadas modalidades manifestativas, Ivan Junqueira é, sobretudo, o poeta da construção, do cálculo, do planejamento mais cuidadoso e ponderado, a que não falta, contudo, a dosagem certa de uma emoção tão tocante quanto disciplinada em sua urdidura linguística. Ivan Junqueira, à luz desses componentes categorias do seu ser/fazer poético, pertenceria, de acordo com ►



Paul Valéry (1871-1945), poeta francês da escola simbolista



Ezra Pound (1885-1972) poeta e crítico literário americano



Mircea Eliade (1907-1986), mitólogo e romancista romeno



Lêdo Ivo (1924-2012) estreou na poesia com *As imaginações*

► as postulações teóricas de Paul Valéry, à família dos poetas lógico-matemáticos, para os quais “o poema é uma festa do intelecto e não um mero transbordamento das emoções”. A esse respeito, que adorna com o timbre da harmonia cada edifício poemático que lhe emergiu da pena luminosa, poderíamos citar, à guisa de exemplificação, o belo poema: “Poética”, onde aprendemos que:

“A arte é pura matemática como de Bach uma tocata ou de Cézanne a pincelada exasperada, mas exata”.

De pronto, lembramo-nos de “A um poeta”, clássico poema de Olavo Bilac, mestre do parnasiano nacional. Há uma afinidade espiritual entre os poemas. No texto bilaquiano, o esforço empreendido na confecção poética não deve ser estampado na exterioridade textual. No de Ivan Junqueira, exatidão e exaspero andam de mãos dadas, conquanto apontem, semântica e existencialmente, para realidades distintas.

A primeira realidade sinaliza para a impessoalidade da matemática, reino privilegiado dos números e das relações objetivas estabelecidas por eles e entre eles. A segunda realidade, por sua vez, aponta para as tensões subjetivas que cercam o poeta no fascinante e doloroso ato/processo da criação literária, sobre os quais tantas reflexões já foram engendradas no plural universo epistemológico da Teoria da Literatura. Em “O Poema”, nas mesmas trilhas da recorrente inspeção metalinguística, o poeta indaga:

“Que será o poema,
essa estranha trama
de penumbra e flama
que a boca blasfema?”

Que será, se há lama
no que escreve a pena,
ou lhe aflora à cena
o excesso de um drama?

Que será o poema:
uma voz que clama?
Uma luz que emana?
Ou a dor que o algema?”

Vê-se aqui, claramente, que, na poética de Ivan Junqueira, a metalinguagem não oculta, antes desvela os contornos subjetivos que emblematizam uma arte densamente impregnada de tudo quanto perfaz a acidentada peripécia humana sobre a terra: lama, drama, blasfêmia, dor, algema, clamor.

Outro temário que ocupa seminal espaço na pluridimensional lírica de Ivan Junqueira é a visceral consciência que ela exhibe a respeito da inflexível passagem do tempo, que a tudo e todos arrasta em sua turbilhonante mutabilidade. Foi sob a égide da soberba inquirição do tempo que Ivan Junqueira, num dos momentos mais elevados do seu projeto estético, escreveu uma autêntica obra-prima chamada *Três Meditações na Corda Lírica*, esculpida em decassílabos perfeitos, nos quais o conúbio melodia, imagem e conceito ganhou um grau de rendimento integrado, somente passível de ser atingido por um artista da palavra do nível de Ivan Junqueira.

Heraclítico, o verso de Ivan Junqueira alcança, aqui, o máximo das suas potencialidades e concreção linguística, tanto que uma leitura oral bem atenta do poema, capaz de identificar o conceito de tonalidade textual defendido por Alfredo Bosi no ensaio *A interpretação da obra literária*, acaba por levar-nos a perceber o ir e vir das palavras, a coreografia sígnica a simular, na fantasia poética do texto, a irreprimível passagem do tempo.

Poética da leitura, erudita, palimpsestuosamente dialógica, a de Ivan Junqueira reverbera múltiplas vozes líricas, com as quais o criador de *O grifo* contracena, num intercurso sempre enriquecedor, na medida em que a todas essas vozes Ivan Junqueira infunde a sua indelével e bela dicção. Lendo Ivan Junqueira, depa-ramo-nos com Fernando Pessoa e o sotaque meditativo que lhe adorna a heteronímia lírica. Augusto dos Anjos, com as peculiaridades retórico-estilísticas da sua linguagem singular. Camões, principalmente no interseccionamento bem urdido entre a emo-

ção que pensa e o pensamento que se emociona.

Esses são alguns dos ecos intertextuais que emanam da poesia de Ivan Junqueira. Outra temática que ganha relevo no universo lírico de Ivan Junqueira é a que conflui para a territorialidade amorosa, em cujo estuário o ser humano anela, ainda que fugazmente, a experiência da felicidade e da plenitude existencial. Advirta-se, contudo, que o amor, verdadeiro leitmotiv do itinerário poético do grande estilista de *A sagração dos ossos*, nunca se converte no lócus amoenus da pacificação definitiva do ser, antes se flagra atravessado, em todas as faces de sua fulgurante aparição, pela contraface corrosiva que o essencializa e lhe confere inconfundível fisionomia. Dessa percepção clivada da experiência amorosa, dão testemunho os soberbos sonetos que compõem o livro *Cinco Movimentos*, em cujo interior flagramos a ostensiva ressonância da lírica camoniana, notadamente, a que faz da dialética das antíteses, uma das suas marcas seminais.

Aqui, encontramos, “o amor oblíquo que olha de soslaio,/mas que ilumina e queima como o raio”. “Amor que transfigura o belo no medonho”. Poesia eivada de elevados pendores filosóficos e portadora de dicção agudamente raciocinante, acumpliciada a uma carga de emoção profundamente tocante e reveladora das realidades mais prementes da condição humana, a de Ivan Junqueira impõe-se como uma das mais grandiosas da literatura brasileira da atualidade. Ivan Junqueira já não está entre nós. *A Indesejada das gentes* já o transportou do tempo para a eternidade. Contudo, com o filósofo norte-americano Emerson, aprendemos que “o homem é apenas metade de si mesmo, a outra metade é a sua expressão”. ✦

José Mário da Silva é professor da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e membro da Academia Paraibana de Letras (APL). Mora em Campina Grande (PB)

Malembe, nova revista paraibana de literatura



FOTO: DIVULGAÇÃO



A novidade na área de impressos é a revista *Malembe*, editada por Guilherme Delgado, Carlos Nascimento e Débora Gil Pantaleão, com diagramação e projeto gráfico de Ícaro Medeiros de França. A capa é assinada por Livia Costa

Recentemente chegou-me às mãos o primeiro número da revista *Malembe*, feita e publicada em João Pessoa. De imediato o título, musical e enigmático, chamou-me a atenção. E lá estava, na página inicial, seu significado: “Malembe: cântico rogatório que se dirige a certos orixás nos candomblés, quando se deseja aplacar-lhes a fúria, ou nas situações difíceis particulares ou coletivas. Malembe, na Angola, também vai de advérbio: devagar. E que cabe na expressão malembe-malembe: o nosso tradicional *devagar se chega longe*”.

A revista, que é impressa e terá publicação semestral, tem como editores Guilherme Delgado, Carlos Nascimento e Débora Gil Pantaleão. A diagramação e o projeto gráfico – am-

bos bastante despojados e, por isso mesmo, atraentes – são de Ícaro Medeiros de França. Quem assina a bela capa é Livia Costa. E a revisão ficou a cargo de Fred Caju. Todos jovens, animados jovens. Cheios de projetos. E com a mão na massa.

A proposta da revista *Malembe* é divulgar a literatura contemporânea, mesmo interrogando “que bicho é esse?”. Ao partir deste questionamento, acerta em cheio. Afinal, o que se produz hoje é contemporâneo? E o que foi feito há tempos não é? Sabemos que há autores contemporâneos (na idade cronológica) que pensam e escrevem como se estivessem no século XIX. E há autores do século XIX que pensam e escrevem como se estivessem em pleno século XXI.

Machado de Assis está entre estes últimos. Nem vale citar quem esteja, hoje, escrevendo anacronicamente. São muitos. Por isso mesmo a revista, no editorial, pontua: “e o que há de novo? Quem são os jovens autores e provocadores da terrinha [Paraíba]?”. E diz a que veio: “com vontade de ser mais um ponto articulador das artes de João Pessoa. Com o desejo de dialogar dentro de mais um espaço possível com a fila de inquietos presente na terrinha. E com a teimosia de imprimir essa produção”.

A edição número 1 traz cinco poetas, em sua maioria publicados pela primeira vez. Além de um contista, que também assina um artigo. Há uma seção de entrevistas que, neste número inicial, colhe depoimento de Miró, poeta recifense que anda à margem da margem da produção poética do país. ▶

› Carlos Araújo (Santa Luzia-PB, 1987) publica três poemas. Todos revelando a garra de alguém que conhece os meandros da linguagem da poesia. Cito “Meio-dia”: “Nesta hora / como um par de tardes / amarrado ao azul, // cada qual, lados do crânio, / tinem a alternância / viciada trágica no sol”. As inversões de expectativas, mais que sintáticas, reverberam o padecimento pelo zunido ao sol, que a rima interna e toante em [a] do último verso destaca: viciAda / trÁgica. Enfatizada pelo proparoxítono, sempre sonoramente esdrúxulo. E, aqui, semanticamente reforçado. Um bom poema.

Carlos Nascimento (Recife, 1995) precisa despoetizar-se para que sua poesia surja. Sua linguagem traz demasiadas intertextualidades, sufocando o trabalho com a palavra. E quando quer ser sucinto, ao apelar para o surreal, não resolve a situação. Vejamos “Como sabes”: “Vir seda, brochura, / conterrânea de cinzas de cigarro. / Aras... Raras... / Gel de pentear cabelo”. Mas acerta a mão em “À queima-roupa”, em especial no verso final, que introduz a dubiedade, marca de toda boa poesia: “O suspiro tateia a fala. / Milímetros se encaram. / No disparo, / se calam. / Foi-se o atirador”.

Débora Gil Pantaleão (João Pessoa, 1989) leva jeito para o trabalho com a palavra. Todavia, precisa desvencilhar-se dos cacoetes da linguagem da poesia, tais como a enumeração, a inversão, os cortes no clímax do poema. São recursos que só adquirem validade na interação isomórfica. Usá-los pura e simplesmente, acreditando que é assim que se faz, é dar crédito excessivo aos manuais de poesia. Cito “cabeça”: “ao avesso / escorre o / rio barrento // reverso / falho / defeito // a cabeça / morta // cabeças são / para explodir”.

Guilherme Delgado (João Pessoa, 1986) vale-se da palavra caligrafia nos títulos de todos os

seus poemas, aqui publicados. A esse procedimento segue-se o nome de um poeta. Ele dialoga ora com a vida, ora com a linguagem, ora com ambos, de cada um deles. Assim, temos “Caligrafia para Adília”, um poema perfeitamente acabado, de onde destacamos o verso “assim como não se chama de neto um bolor”. “Caligrafia para Murilo” abre e encerra-se com imagens murilianas revisitadas por Guilherme com apurado rigor. E “Caligrafia para Borges” prefiro transcrevê-lo integralmente: “Conter a noção de sonho / pra dar sentido de tato; / a maçã da palavra não existe, / mas seu peso, sua cor, seu / formato”. Estamos diante de um poeta que conhece os meandros das interações entre som e sentido da linguagem poética. Um poeta que sabe lidar com a novidade da palavra, e da poesia, sem maculá-las com as marcas dos andaimes que a constroem. Sem dúvida, *Malembe* anuncia novo poeta de peso na praça.

Pedro Araújo (João Pessoa, 1987) ainda está marcado pela poesia cabralina. O referente é excelente, mas Pedro precisa superar esta influência direta e tirar dela o *crème de la crème*. E partir para fazer sua própria poesia. Cito a primeira estrofe do longo “Da baía, formas”: “o dinossauro imóvel fornece / os termos da pedra e seus alardes / uma cobiça de vontades atina / o mar o barco a lança / da prancha cristalina”.

Isabor Quinterre (João Pessoa, 1994), em um artigo, conta sua experiência numa oficina ministrada por Marcelino Freire e, a seguir, publica um conto, que me pareceu derivado desta experiência. No texto do artigo já se vislumbra seu bom domínio da narrativa: fluência, coesão, detalhes colhidos com rigor e apreendidos numa linguagem cheia de ritmo e tensões. No conto percebe-se a influência do realismo maravilhoso de Cortázar e Gabriel García Márquez, autores que ela mesma identi-

fica em sua minibiografia. Isabor tem bom domínio da prosa. Seus dois textos apontam para uma próspera escritora.

Miró, nome artístico de João Flávio Cordeiro da Silva, é poeta na contramão da linguagem e do mercado editorial. A bem da verdade, Miró andou na contramão da vida. Por pouco não se deu mal. A seu tempo recuperou-se, e hoje dedica-se plenamente à literatura. Nesta entrevista ele dá seu recado despojado, bem distante do repertório acadêmico e/ou intelectual estabelecidos. Sua voz é importante porque fala de um lugar marginal na literatura – mas dotado de dicção singular. Nova. Provocativa. Instigante. Lê-lo é deparar-se com a novidade de temas, cenas e sequências captadas com vivaz coloquialidade. Miró consegue ver poesia no mais improvável. E, mais improvável ainda: ele produz poesia com o improvável que vê. Aí reside sua marca. Sua grandeza. Seu humor. Ele é poeta antes de tudo, embora afirme: “Hoje eu me considero mais um cronista que um poeta”. Coisas de quem gosta de Drummond e de Ignacio Loyolla Brandão, “no mesmo patamar”. Não há como não admitir: Miró é somatória de delícias surpreendentes. Da vida. Na linguagem da poesia.

Malembe chega pra ficar. Tem uma ótima galera em seu corpo editorial. Chega dizendo a que veio. O que busca. O que quer. E abre o peito pra expor suas dúvidas. Sem medo. Mostra o que sabe fazer. E, pelo número de estreia, revela que tem muito a dizer ao nosso (e do nosso) quintal da literatura contemporânea. Axé! *Malembe-malembe!* Bem-vindos, novos nomes da nossa literatura! ■

Amador Ribeiro Neto é poeta, crítico de literatura e professor da Universidade Federal da Paraíba. Mora em João Pessoa (PB)

As admirações de **Cleanto!**



Os lançamentos são rituais do cotidiano da vida cultural e literária, tendo, no livro, com todas as suas ressonâncias simbólicas, o elemento central do interesse de que partilham autores e leitores. O livro como que estabelece um liame entre as pessoas, a partir, a princípio, de suas propriedades gráfico-visuais (capa, papel, diagramação, paginação, tipografia, ilustrações ou outras possibilidades analógicas que a linguagem permite. Existem aqueles que amam os livros como objetos!), assim como de seu conteúdo temático e de suas disposições ideológicas.



Capa do livro de Cleanto Gomes Pereira, com selo da Ideia Editora

Este, que ora se lança em noite de festa intelectual, parece ultrapassar os limites do ritual, para se transformar essa ocasião num momento simbólico em que toda uma geração se reencontra, afetada, é óbvio, pela passagem do tempo e distanciada dos primeiros passos ensaiados na juventude, mas memorável pelo que preserva de antigos valores que

estratificam a personalidade de cada um. Sobretudo o valor da palavra como traço maior de unificação de toda uma juventude que, tendo escolhido a carreira do Direito, portanto, o embate diuturno com pesados alfarrábios de doutrina jurídica e com tomos volumosos de diplomas legais, nunca abdicou do contato mais ameno e, em certo sentido, mais elástico, mais prazeroso e mais frutífero, com as letras literárias e os saberes humanísticos.

Cleanto Gomes Pereira me parece um dos paradigmas dessa geração. Geração que soube aliar o amor pelo direito, numa perspectiva humanística, à paixão pela tradição literária, tanto a clássica quanto a moderna. Uma geração a que pertencem, entre outros, Francisco Gil Messias, Eitel Santiago de Brito Pereira, Alexandre de Luna Freire, José Ricardo Porto, Levi Borges, Valdir Fernandes, Coriolano Medeiros de Souza, Marconi Chianca, Adalberto Targino, Lúcio Lins, Magno Meira e este que ora fala, e cujo cenário de atuação estudantil era o pátio da velha Faculdade de Direito, na Praça 1817, e a plataforma intangível dos credos políticos e ideológicos do Centro de Ora- ▶

FOTO: EDSON MATOS

▶ tória Alcides Carneiro, cercados pelo peso sufocante de uma época de arbítrio.

Com orgulho, considero os representantes dessa geração os últimos herdeiros daquele humanismo que penetrava a essência do direito e o ideal de justiça e, em certo sentido, precursores anônimos e inconscientes das conexões possíveis entre o direito e a literatura, hoje, consolidadas em estudos especializados nos Estados Unidos, na Europa e no Brasil. Conexões que se materializam em dois planos diversos, porém inter-relacionados: o plano extrínseco, quando a literatura tematiza o direito (o romance *O processo Maurizius*, de Jacob Werssermann, por exemplo) ou o direito contempla normativamente a literatura (observem-se as leis que disciplinam o direito do autor e a propriedade intelectual e literária); o plano intrínseco quando o foco da conexão é a linguagem, tendo a linguagem jurídica se fazendo também linguagem literária (os discursos de defesa e de acusação de Enrico Ferri), e a linguagem literária se socorrendo de recursos próprios da linguagem jurídica (a poesia de Carlos Nejar ou todo o capítulo XII, “Um erro judiciário”, dos *Irmãos Karamázovi*, de Dostoiévski).

Admirar, a princípio, significa mirar a distância, embora essa distância não implique necessariamente afastamento, neutralidade, indiferença. Filosoficamente, o conteúdo semântico do termo enraíza-se naquilo que os antigos gregos chamavam de “thauma”, isto é, espanto, perplexidade, admiração.

Já Aristóteles, em sua “*Metafísica*”, assinala que é pela admiração que os homens começam a filosofar, perplexos e espantados com os enigmas que o mundo lhes oferece. É na admiração que reside a origem do pensamento especulativo, o impulso natural ao conhecimento das coisas e dos seres, a possi-



O advogado e escritor Cleanto Gomes Pereira estreia em livro com *Minhas admirações*

bilidade de apalpar o vivido e a realidade pela mirada da paixão e do poético.

Admirar, portanto, concerne aos apelos da experiência com o outro, tocado, por sua vez, naqueles aspectos que mobilizam nosso sentimento de empatia e de compreensão, a exigir, não raro, ora o silêncio que fala pelas sinuosas linhas de sua secreta sabedoria, ora pela presença viva do verbo encarnado.

Cleanto Gomes Pereira, em seu livro de estreia, *Minhas admirações* (João Pessoa: Ideia, 2015), opta pela segunda via, dando vazão aos sortilégios do

discurso e ao imperativo da palavra impressa, para registrar, em definitivo, inclinações e tendências de sua personalidade intelectual e afetiva.

A meu ver, dois pressupostos integram a escrita deste advogado que se faz escritor, talvez tardiamente, como que retomando a linhagem dos humanistas de outras gerações, sobretudo se considerarmos o gosto pelas letras literárias e pelos saberes sociais.

O primeiro diz respeito ao zelo e ao cuidado para com as raízes idiomáticas da linguagem, naquilo que ela pode conter de elegância vocabular, de fluidez rítmica e de vigor persuasivo, numa práxis verbal e expressiva de linhagem especial a que se deve vincular, pelos critérios sanguíneos e admirativos ou por uma espécie de filogenia estilística, a prosa fulgurante de um Osias Gomes, da qual Cleanto, sem dúvida, herdou o brilho e a força de seus valores mais intrínsecos. Valores que se projetam materialmente na fraseologia bem arquitetada, sobretudo quando se tomam as palavras (substantivos, verbos e adjetivos) em seus dados imagéticos, sonoros e ideativos, como os protagonistas principais no cenário do texto, a propor uma prosa em cuja retórica se modulam algumas insinuações de índole poética.

Em “Glória e suicídio”, por exemplo, em rápido recorte acerca de Santos Dumont, assim o descreve, fundindo, em síntese perfeita, ingredientes físicos e psicológicos:

Franzino, pálido e de baixa estatura, tanto pelas atitudes excêntricas, quanto pelas inefáveis proezas com que arriscava a própria vida, sobre suas estrambóticas máquinas voadoras, ganhou a popularidade de uma figura mítica e romanesca, risível mesmo, devido à expressão chapliniana exibida nos trajes e na conduta social (p. 181).

Em “A mágoa e os discursos” ▶

- ▶ incomparáveis de Alcides Carneiro”, destacando-lhe a genialidade do soberbo orador, não teme em afirmar que

nenhum outro brasileiro superou esse feiticeiro da palavra, tanto na tribuna política e parlamentar como nos auditórios acadêmicos e institucionais, onde se revelara orador completo, de estilo cálido e imagens feéricas, declamando com inefável grandeza, admirável fulgor vocálico e imponência toda sua eterna poesia (p. 136).

Poderia citar exemplos e mais exemplos dessa prosa refinada e elegante, severamente submetida aos predicados da norma culta e do português castiço. Creio serem suficientes, no entanto, estas duas mostras, na convicção de que sinalizam para um padrão expressivo que se cristaliza na singularidade de cada peça isolada.

Não erro em ver, no idioma pátrio, que emoldura os múltiplos perfis admirativos de Cleanto Gomes Pereira, um dos seus perfilados principais. Dito de outra forma: a palavra, na sua organicidade significativa, enquanto substância corpórea e ajustada a insinuações visuais, táteis e melódicas, figura como personagem dessas “admirações”. O homem da ciência jurídica, moldado por um ambiente cultural que talvez preservasse os últimos sinais do legado humanista na tradição bacharelesca, não esconde a dedicação e o amor que vota à beleza da língua e ao exercício criador da própria linguagem.

É aqui que vislumbro a marca do escritor, não do escrevente, para me valer da tipologia barthesiana. Não que haja experimentações discursivas, pirotecnias estilísticas, fragmentações lexicais, pontuação idiossincrática, cirandas linguísticas, hermetismos fraseológicos, rupturas de sentido tão ao sabor das pulverizações modernistas e pós-modernistas, a subsidiarem o ideário irrequieto das

vanguardas estéticas. Não: há, sim, outros valores, presidindo a arquitetura da expressão. Cuidado, zelo, correção, clareza, pertinência lexical e recuperação das vertentes mais legítimas da “última flor do Lácio”, o que me soa oportuno em época tão indiferente ao processo de dilapidação idiomática por que vem passando a língua portuguesa.

O segundo destes pressupostos, por sua vez, entrevejo na empatia perceptual com que tece as angulações psicológicas e intelectivas de seus personagens, dentro - quer me parecer - de uma circunscrição de caráter telúrico e provinciano, mas provinciano num sentido maior e positivo, a que reserva o sentimento de sua admiração, ora transmutado nessa pertinente recolha textual.

É claro que figuras universais integram o mapa das admirações, a exemplo de um Dostoiévski, de um Hemingway, de um Jean-Paul Sartre, de um Franz Kafka, de um Van Gogh, entre outros. Não obstante, os nomes que predominam são aqueles que compõem a riqueza e a variedade do patrimônio cultural da Paraíba. Amigos pessoais, juristas, escritores, poetas, jornalistas, religiosos, políticos, historiadores, cientistas, economistas, sociólogos, artistas, personagens históricos, enfim, toda uma grei de talentos e singularidades enriquece o acervo que Cleanto Gomes Pereira dispõe ao público-leitor.

Se a nota dominante radica-se no sentimento de admiração, nem por isto o autor se abstém de focar, a partir da observação e da análise do detalhe e do por menor, o lado, digamos avesso, talvez frágil, talvez escuro e/ou negativo, da personalidade do perfilado. Detalhe que, se não é absolutamente determinante para a compreensão da psicologia do personagem, das suas circunstâncias, obras, valores e comportamento, constituem, todavia, elementos decisivos para o entendimento mais equilibra-

do de sua trajetória e de sua personalidade.

Nesta vertente, Cleanto Gomes Pereira, atento às diretrizes do melhor jornalismo, como que traça, em agudos e refinados recortes, o perfil de cada personagem, elaborando, assim, uma espécie de *paideuma* particular por onde transitam as suas “afinidades eletivas”, ao mesmo tempo em que, incorpora expectativas, diria didático-pedagógicas, para a relevância inestimável desses nomes no que tange ao acervo cognitivo das novas gerações.

Oscar Wilde, um de seus perfilados, afirmou, em um dos seus famosos aforismas, referindo-se ao livro: “Não existe livro moral ou imoral. Os livros são bem escritos ou mal escritos. Nada mais”. Ora, *Minhas admirações*, livro escrito por Cleanto Gomes Pereira, e lançado nesta noite, concordemos ou não com sua visão acerca de seus personagens escolhidos, é, na verdade, um livro bem escrito. E isto não é pouco.

Fosse vivo Osias Gomes, seu avô e perfilado pelo qual demonstra toda uma admiração pessoal, certamente tocado pelo afeto familiar e pela gratidão de eterno discípulo; dizia: fosse vivo Osias Gomes e aqui estivesse, como tantos que aqui estão e são admirados por Cleanto, estaria aqui, é claro, também admirado pelo neto querido, mas, sobretudo, estaria aqui para admirá-lo e dele se orgulhar, como todos que aqui estamos. ✖

Hildeberto Barbosa Filho
é poeta, crítico de literatura e
professor da Universidade Federal da
Paraíba. Mora em João Pessoa (PB)



Dyógenes Chaves:

o *workaholic* das artes
visuais na Paraíba

Linaldo Guedes
linaldo.guedes@gmail.com

Dyógenes Chaves abandonou todos os cursos universitários que tentou fazer. Desistiu de ser engenheiro, filósofo, advogado, design de interiores e do curso de Educação Artística. Preferiu fazer o que gosta: artes plásticas, artes visuais, design, artes. Não duvidem! Ele está muito satisfeito com as opções escolhidas. Afinal,

▶ o dia inteiro pensa, faz e planeja arte. Não importa o material ou o suporte ou a técnica que utilize, mas sim a ideia de expressar o que sente em relação ao mundo e ao homem ao seu redor. “Tento dar minha contribuição, fazer minha parte”, avisa ele, assegurando que antes de tudo se considera um trabalhador, um operário da arte, incansável naquilo em que acredita.

– Como disse, uma palavra me resume: workaholic! E isso, o trabalho permanente e incansável são o combustível para cumprir minha missão de artista. Aliás, já se disse que artista não é profissão. É sacerdócio, missão. Na contemporaneidade, a arte ganhou novo significado e importância. Além de remeter a algo que é estritamente “humano”, a arte, de um modo geral, é o equilíbrio, o alento e a melhor “arma” nesses dias de tanta violência e desumanização – define.

Essa vocação para as artes surgiu cedo. Desde muito pequeno Dyógenes já tinha interesse por coisas relacionadas à arte e à cultura. Tinha obsessão por livros, jornais, revistas, imagens... Passava horas folheando revistas e jornais velhos em busca de textos e imagens. Começou desenhando as personalidades da História do Brasil para trabalhos escolares. E passou a copiar tudo: quadrinhos, caricaturas, pinturas clássicas, num exercício “estupendo” para ele. “Logo depois fui levado pelo amigo e artista plástico Marcos Pinto para estudar na Coordenação de Extensão Cultural, da UFPB, que ficava ali na Praça Rio Branco, em frente ao antigo Cinema Municipal. E lá tive aulas com Raul Córdula, Roberto Lúcio, Arthur Cantalice e o saudoso Alfonso Bernal. Mas foi em 1980, no Núcleo de Arte Contemporânea da UFPB (o NAC), que eu tive o contato seminal com a arte contemporânea. Vi e vivi ali, ao longo de dois a três anos, as obras experimentais de artistas que admiro: Antonio Dias, Tunga, Cildo Meireles, Marcelo Nietsche, Cláudio Tozzi e Rubens Gerchman, além dos paraibanos Raul Córdula, Breno Mattos, Roberto Coura e Chico Pereira”, recorda.

Logo após a experiência do NAC, passou a se dedicar muito mais às artes visuais: pesquisar, estudar, experimentar... Nessa época conheceu, mais uma vez pelas mãos de Marcos Pinto, o serígrafo Alcides Ferreira e tornou-se seu assistente. “Eu cuidava de ajudá-lo a imprimir gravuras em serigrafia para os artistas de João

Pessoa e Recife. Pouco tempo depois, em 1986, já cuidava disso sozinho em meu ateliê. Assim me tornei conhecido entre os colegas e vi que tinha muito mais a fazer e aprender. Essa experiência coletiva – a impressão de gravuras para outros artistas – me levou também a atuar na gestão pública (na Funesc e no antigo Departamento Cultural da Prefeitura de João Pessoa) e na coordenação de grupos e projetos de artes visuais”.

Também foi dar aulas de serigrafia e passou a usar esta técnica como ferramenta principal do seu trabalho plástico. Surgiram muitas exposições e alguns prêmios. Mais recentemente passou a produzir estampas para a indústria da Moda e publicar textos (sobre arte e artistas) que vinha produzindo graças ao incentivo do amigo Raul Córdula, sua maior referência como artista contemporâneo completo. Além de Córdula, gosta de citar o artista plástico Chico Pereira entre suas referências na área. Fora da Paraíba, gosta de muitos outros artistas, como Andy Warhol e Rubens Gerchman, por exemplo.

Dyógenes Chaves é naturalmente crítico sobre o mercado de artes plásticas na Paraíba. E incisivo! “Não há mercado na Paraíba. E há pouco mercado no Brasil. Digo isso em relação ao significado real do termo. Ora, mercado significa existir alguém que quer comprar e alguém que quer vender. Há muitos artistas, muitas paredes sem obras e muita gente com dinheiro, mas que só usa pra comprar um apartamento, um carro importado e viajar pra Miami. Como esses “ricos” não visitam museus, não leem e só escutam música de qualidade duvidosa, não poderia esperar que, de uma hora para outra, passassem a investir em arte. E mais, todos os nossos históricos colecionadores – Odilon Ribeiro Coutinho e Walter Cunha, por exemplo – morreram e não passaram o “vírus” pros seus descendentes. E essa situação só mudará quando se investir pesado em educação, nos professores, principalmente. Em Cuba e na França, as crianças desde muito cedo são “obrigadas” a visitar museus e exposições, teatros, cinema e a ter acesso (crítico) aos clássicos da literatura. Resultado: pessoas cultas e que, se tem dinheiro, investem em cultura”, compara.

Entre as suas maiores alegrias na trajetória artística está a aprovação de projetos em editais e concursos de incentivo à cultura, disputando com centenas de con-

correntes de todo o país, a revista Segunda Pessoa (Funarte, Ministério da Cultura) e o Dicionário das Artes Visuais na Paraíba (Programa Petrobras Cultural).

Dyógenes produz arte há 30 anos e fica um pouco difícil definir algo de maior destaque em sua trajetória neste tempo todo. Mas dois momentos merecem destaque. O primeiro, um outdoor produzido para a mostra Paixão de Cristo em Artdoor, em 1994, quando estampou um Cristo vestido de uma camiseta com a frase “Beba Coca-Cola”. O fato gerou tanta polêmica que a obra foi proibida pelos organizadores da mostra, “e até depredada pelos fundamentalistas ouvintes de um programa de rádio local”. O outro momento foi uma exposição em Marselha, na França, em 1998, em que colocou as mulheres presentes para manipular as “obras”, tecidos estampados por ele, e criar suas próprias “roupas”. “A interação com o público foi algo de raro, de importante porque significava a dessacralização da obra de arte”, destaca.

Entre os planos para o futuro, está uma série de estampas para apresentar no começo de 2016, numa Feira de Moda, em Paris, o maior encontro profissional da cadeia produtiva de moda do planeta. Em breve, haverá o lançamento do Dicionário das Artes Visuais na Paraíba, que tem o patrocínio da Petrobras. E, ano que vem, a reabertura de uma galeria de arte contemporânea em João Pessoa, a Rede, em parceria com a amiga e artista Margarete Aurélio.

Para quem está se iniciando nas artes visuais, Dyógenes aconselha que antes de qualquer coisa a pessoa leia filosofia. “Estudar e pesquisar na área escolhida, visitar museus e ateliês de artistas, isso tudo ainda é a melhor “escola” para quem está iniciando. E, se achar que é esse o caminho, não desistir. Não existe fracasso nessa área. O que existe são pessoas desinformadas que não se preparam o suficiente para compreender os percalços de todo caminho”, ensina. ✦

Linaldo Guedes é poeta e jornalista, autor, entre outros, dos livros *Os zumbis também escutam blues e outros poemas* (1998), *Intervalo lírico* (2005), *Metáforas para um duelo no sertão* (2012) e *Receitas de como se tornar um bom escritor* (2015). Mora em João Pessoa (PB)

Iara Maria Carvalho

Dona doida

I
algo-
do meus
cabelos,
dona doida.

capucho de
mel
na boca.

sua sede
é minha fome.



II

quando chove,
melhora de
ser
gente.

pega maçã no escuro,
alucinógena mordida.

mas
se a chuva
é de caju,
castanhola meus poemas.

salto breve,
definitivo.

III

costurou um vestido
gris solar
combinando com
seus olhos.

pela rua
saiu arrastando
sua asa
quebrada.

nem trinta anos depois.

IV

espremeu as paredes
até infiltrar de delírios
as lonjuras da infância.

escorpiões
à procura de silêncio.

V

trinca os dentes
na hora de rezar.

não quer a salvação.

mas uma mão quente
no pescoço.

VI

preparou a mesa
com especiais
aromas.

o homem nunca
soube
o que guardava
no turíbulo.

a cor dos seus olhos,
um pedaço de vulcão.

VII

ela ronda
meu coração
com saias
e chuvas.

espeta meu ventre,
delicadeza
de chumbo.

ameaça
me lavar.

mas santa
não é.

uma atriz?

um espelho?



IARA MARIA CARVALHO nasceu em 24 de dezembro de 1980, em Currais Novos (RN), onde reside. Escreve poemas e contos e já foi premiada em alguns concursos literários estaduais e nacionais, participando de algumas antologias. Publicou em 2011 o seu primeiro livro de poesias, *Milagreira*, seguido de *Saraivada* (2015). Contato: macabea33@gmail.com.

André Ricardo Aguiar

ILUSTRAÇÃO: ÍCARO MEDEIROS

Breve ode ao fósforo

Há um quê de rispidez
na brevíssima decolagem
que o palito faz (arisco)
da caixa ao ar:

este portátil prometeu
não se nega a mais que isto.
E tem mais o que fazer?
Viver já é atrito.

Ampulheta

Coleção que acumulo:
do que nunca vou ter,
seara arisca.

De grão em grão
o tempo leva-me no papo.

À esquerda

No lugar do cartão
de crédito, tenho o vento
em depósito
eterno.

Saco-o sem gastos
e taxas adicionais
com esmero.

Mas custo há também
em viver de brisa.

Até o vento
tem saldo zero.



André Ricardo Aguiar nasceu em Itabaiana (PB). É um dos fundadores do Clube do Conto e do selo Trema Edições. Publicou, entre outros, os livros *A flor em construção*, *O rato que roeu o rei*, *Bagagem lírica* (co-autoria com Margarida Ribeiro), *Chá de Sumiço e outros poemas assombrados* e *A idade das chuvas*. Mora em João Pessoa (PB).



Espectadores (13)

algumas conclusões

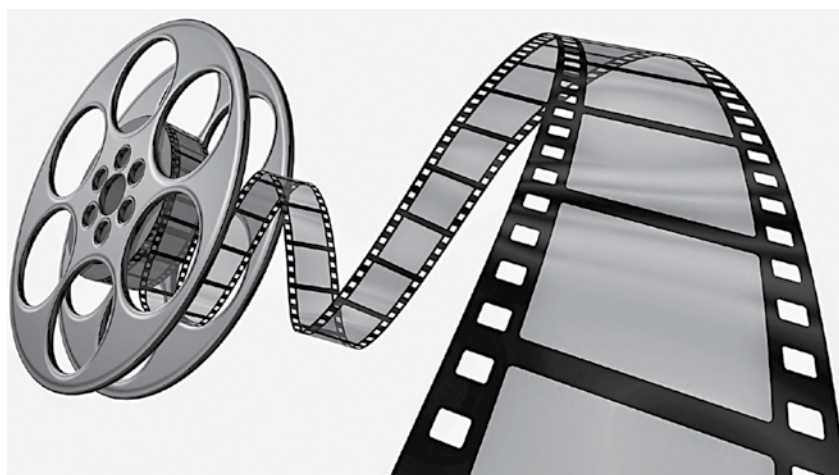
Ao longo de um ano – de agosto de 2014 a agosto de 2015 - entrevistamos doze espectadores, para o *Correio das Artes*. Em combinação com o editor do suplemento, isto fazia parte de um projeto sobre recepção cinematográfica. Por isso ficou decidido que os entrevistados seriam (como o título geral das entrevistas sugeria) espectadores comuns, e nunca, especialistas da área. Apenas pessoas que adoraram assistir a um bom filme e que fazem, ou fizeram, disso um hábito especial, enfim, os chamados amantes do cinema. Eventualmente, são pessoas que nunca leram um livro de teoria fílmica, que nunca estiveram por trás das câmeras, e que nunca escreveram sobre a sétima arte. E, para

quem, no entanto, o cinema tem uma importância – ou influência - avassaladora em suas vidas.

Um dos objetivos do projeto seria demonstrar o quanto a recepção cinematográfica é mais complexa, mais rica e mais interessante do que aparenta à primeira vista. Para que as entrevistas pudessem render mais, senti a necessidade de arguir espectadores que já conheço e cujas reações ao cinema – mais idiossincráticas ou mais convencionais - me inspirassem questões pertinentes. De tal forma que, não apenas das respostas, mas também das perguntas, pode-se deduzir um perfil do entrevistado.

Embora todos escolhidos pelo entrevistador a partir de algum tipo de

Um dos objetivos do projeto seria demonstrar o quanto a recepção cinematográfica é mais complexa, mais rica e mais interessante do que aparenta à primeira vista.



imagens amadas

▶ relacionamento, informal ou formal, são espectadores que sequer se conhecem; talvez um ou outro tenha ouvido falar de um ou outro, mas isso é tudo.

Não só são desconhecidos entre si, como são espectadores que têm faixas etárias, profissões e gostos distintos. Professor, médico, engenheiro, bioquímico, funcionário público, músico... poucos se igualam no âmbito profissional. Para ilustrar com a idade, enquanto uns têm menos de trinta anos (Faixa Etária 1), outros têm meia idade, ou seja, de trinta a sessenta (Faixa Etária 2), e, por fim, outros são sexagenários ou mais idosos (Faixa Etária 3). Eis o quadro etário: 1: Conceição Myllena e Jefferson Cardoso; 2: Marcelo Costa, Glória Gama, Stephan Thomas, Josafá Soares e Eleonora Falcone; e 3: Fátima Duques, Joaquim Inácio, Clóvis Dias, Edith Paiva e Adette Wanderley.

Em suma, o único fator que os une é o amor ao cinema e, como se percebe nas respostas, nem sempre ao mesmo tipo de cinema.

O que se pode deduzir dessas entrevistas? Acho que muito, e aqui – comparando e analisando – vou me dar ao trabalho de apontar algumas questões que, acredito, serão do interesse daqueles que estudam a recepção no cinema e nas artes de um modo geral.

Por que as pessoas gostam de cinema? O que esperam dele? Que critérios usam para apreciar um filme? Até que ponto se identificam? Como suas vidas pessoais se projetam no seu consumo de cinema? Seria possível conceber uma tipologia do espectador a partir de uma amostragem como esta? Algumas destas perguntas estão respondidas nas entrevistas, porém, com o elemento complicador de que nem todas as respostas são propriamente coincidentes.

Creio que antes de comentar as entrevistas, devo explicar o método utilizado, pois dele depende as variações no conteúdo do corpus que tenho em mãos. Ao conceber o projeto, a primei-

ra ideia que me ocorreu foi partir de um questionário básico de dez perguntas, as mesmas para todos os entrevistados. Seria prático, com a vantagem de, mais tarde, na instância da análise, facilitar a comparação. Antes, porém, de escolher o primeiro entrevistado, dei-me conta de que o resultado seria monótono para o leitor, e falho no objetivo de captar o lado mais pessoal, se for o caso idiosincrático, do depoente.

Assim, decidi que, em cada caso, teria com o entrevistado, antes de qualquer coisa, uma conversa, uma longa conversa, mais livre e sem tópicos amarrados. Ao longo dessa conversa, eu iria anotando pontos que julgasse interessantes na fala do depoente, em alguns casos declarações ou comentários casuais, eventualmente involuntários, mas significativos, e, mais tarde, a sós comigo mesmo, elaboraria perguntas em cima desses pontos.

Foi assim com o primeiro entrevistado, e como deu certo, foi assim com todos. O princípio é o de que, embora a cinefilia seja o domínio comum a todos, as pessoas detêm histórias diferentes, que um questionário padronizado não recobriria. Dou exemplos: nenhum dos entrevistados poderia ter o apelido de “mademoiselle nouvelle vague”: só Conceição Myllena. Ninguém poderia com-

parar o ato de ser espectador na Suíça e no Nordeste brasileiro: só Stephan Tomas. Ninguém sugeriria a associação entre ver filmes de Woody Allen e o ato de fazer sexo: só Gloria Gama.

Evidentemente, essas peculiaridades tornam a comparação mais difícil, mas, sem dificuldade não há lucro.

Para não nos estendermos demais, vejamos que tópicos foram os mais recorrentes e como a eles reagiram os nossos espectadores.

Acho que “um certo saudosismo” – digamos assim – foi comum a todos. Observemos que mesmo os da faixa etária 1 se reportaram a suas primeiras vezes no cinema e aos filmes que conquistaram suas mentes infantis. Nesse contexto é que vieram à baila as casas de espetáculo frequentadas nesses verdes anos. Entre os pessoenses (quase todos), o campeão de referência saudosista parece ter sido o Cine Rex, que está descrito em detalhe na fala da filha de exibidor Adette Wanderley, mas não só aí. Questão similar a esta está na referência aos filmes antigos, mencionados pelas três faixas de idade, assunto a que retornarei na abordagem da lista dos sete filmes preferidos. ▶



Maria Edith Paiva e
Stephan Tomas

imagens amadas

▶ Mas, atenção, que não se deduza daí que faixa etária não faz diferença. Faz e muita, como se nota, por exemplo, na ausência de referências a filmes atuais junto à faixa etária 3, onde estão Edith Paiva e Adette Wanderley. Quem oferece um depoimento decisivo a esse respeito é Edith, ao citar seus motivos para haver deixado de ir a cinema. Sem citar os títulos (até porque não lembraria mais), Edith descreve cenas que a afastaram da tela grande, cenas escatológicas, violentas e/ou mórbidas em *O poderoso chefe*, *Taxi driver* e *Easy rider*.

Em direção oposta ao “saudosismo” acima mencionado, vem a questão do cinema da atualidade, com seus recursos ultra modernos e eletrônicos, e suas novas modalidades de exibição e consumo, em salas de Shoppings e/ou aparelhos de DVD e computadores. A maior parte dos entrevistados é refratária ao cinema tecnológico de hoje em dia, mas há quem faça a sua defesa. Um entusiasta desse emprego da tecnologia eletrônica é Josafá Soares que – convenhamos – argumenta com lógica.

Um caso a comentar é a relação do cinema com as profissões dos entrevistados. Uma professora de literatura como Glória Gama estabelece bem a relação entre filme e poesia, mas também o fazem com a música Stephan Thomas e Eleonora Falcone, e mesmo a médica Fátima Duques não foge

à questão. Próximo a isto está a relação do cinema com as outras artes, mesmo quando o entrevistado não é um profissional, caso do engenheiro Clovis Dias, um colecionador de quadros que dialoga com experiência sobre o relacionamento do cinema com a pintura.

Um tópico que perpassa as entrevistas é, naturalmente, o dos limites entre entretenimento e arte. De um modo geral, parece ter ficado claro que os conceitos são indistintos para a maioria, eventualmente inseparáveis, como parece sugerir Marcelo Costa. Inevitavelmente, as entrevistas deixam ver uma relativa gradação no nível intelectual dos entrevistados, alguns com menos vivência intelectual e cultural, outros com mais. E, no entanto, todos parecem se igualar na concepção do cinema como um meio que, ao mesmo tempo, diverte e instrui. Sem coincidência, vários dos entrevistados, nas conversas precedentes, me conduziram a formular perguntas sobre a dicotomia prazer e reflexão, casos de Eleonora Falcone e Fátima Duques.

Se não são “do ramo”, os meus entrevistados tampouco são leigos. Isso pode ser notado nas muitas referências aos componentes da linguagem cinematográfica, como fotografia, música, roteiros, interpretações, etc. Na maior parte dos casos, diretores são citados com incrível familia-

ridade e, favorável ou desfavoravelmente, gêneros são enfrentados com aïssance. Um caso todo especial é o de Joaquim Inácio, que se dizendo defensor do cinema-divertimento, contra o conceito de cinema de arte, nos oferece uma aula apaixonada sobre um gênero altamente refinado que é o “noir”.

Um assunto que não pode deixar de ser comentado é o relativo ao cinema brasileiro. Chamo a atenção para a opinião emitida pelo único estrangeiro entrevistado, o suíço Stephan Thomas, que se refere ao nosso cinema do passado (*O cangaceiro*) e do presente (*Olga*). Um trecho comovente é, certamente, o da entrevista de Glória Gama, quando ela não mede palavras para destacar o valor estético dessa obra prima da cinematografia nacional, tão desconhecida da maioria dos brasileiros, o *Limite* (1931) de Mário Peixoto. Uma questão polêmica está na importância atribuída a Glauber Rocha e ao Cinema Novo, antagonicamente tratada nos respectivos depoimentos opinativos de Josafá Soares e Eleonora Falcone, aquele criticando duramente, esta elogiando com entusiasmo o autor de *Deus e o diabo na terra do sol*.



Da esquerda para a direita, Jeferson Cardoso, Joaquim Inácio Brito, Josafá Soares, Marcelo Costa e Maria Adette Wanderley

imagens amadas

▶ Outro ponto de divergências aparece com o conceito de cânone cinematográfico. As conversas preliminares com os entrevistados me levaram, querendo ou não, à questão da lista dos melhores filmes do mundo, elaborada e divulgada pela crítica internacional. Nessa lista, a queda de *Cidadão Kane*, depois de cinquenta anos, e a subida de *Um corpo que cai* para o topo da lista, suscitou desabafos interessantes. Adette Wanderley prefere *E o vento levou*, enquanto que Josafá Soares e Fátima Duques se digladiam nas preferências, cada um – e isto é que é interessante para o leitor – argumentando com considerável pertinência.

Um aprendizado – se a palavra for esta – interessante pode estar nos sete filmes citados pelos entrevistados como os seus preferidos, em todos os tempos e espaços.

Inevitavelmente, houve recorrências nas escolhas, o que nos sugere uma espécie de cânone, porém, antes de tratar disso, gostaria de considerar a totalidade dos filmes mencionados, 84 (12 entrevistados vezes sete filmes indicados). E por que o faço? É que, no meio cinematográfico, sempre pairou a dicotomia entre dois modelos de cinema que, aparentemente, sempre se opuseram como antagonistas: o cinema clássico americano e o cinema de arte europeu. Cheguei a formular a pergunta a um dos en-

trevistados, mas são os números que sugerem as preferências, no caso, mais ou menos equilibradas entre os dois modelos: dentre os escolhidos pelos entrevistados, 44 são americanos e 40 são de nacionalidades diferentes, um ou outro japonês, um ou outro brasileiro, mas quase todos europeus.

Entre os mais votados (coincidentemente, sete filmes), um único filme teve quatro votos, e seis tiveram dois. Obviamente, ficará de fora o restante, ou seja, filmes com apenas um voto. Os mais votados são quase todos filmes dos anos cinquenta e sessenta, se não contarmos um dos anos quarenta, *Casablanca*, de 1942. Essa concentração no passado é interessante, se considerarmos que os mais jovens fazem parte dela, o pessoal da faixa etária 1 (Conceição Myllena e Jefferson Cardoso). Pelo distanciamento no tempo, a grande exceção é, na verdade, um filme argentino do novo milênio, *O segredo dos seus olhos*, de 2009. As nacionalidades variam bastante: francês (*Os incompreendidos*), Japonês (*Rashomon*), italiano (*Blow up*, filme de Antonioni, rodado na Inglaterra), argentino (*O segredo dos seus olhos*) e americanos (o restante). O campeão, com quatro votos, foi *Um corpo que cai*, resultado mais que curioso, na medida em que coincide com a última votação (2012) da crítica internacional, divulgada na revista *Sight & Sound*, onde o filme de Hitchcock, como já dito,

depois de meio século, toma o lugar de *Cidadão Kane*.

Faço seguir a relação dos sete títulos mais votados, que cito em ordem cronológica de realização, exceção feita a *Um corpo que cai*, o qual, na condição de mais votado, vem em primeiro lugar na lista. Eis, portanto, o “cânone” dos meus espectadores: *Um corpo que cai*; *Casablanca*; *Rashomon*; *Os incompreendidos*; *Blow up*; *2001 uma odisseia no espaço*; *O segredo dos seus olhos*.

Para encerrar, estou perfeitamente consciente de que o ponto fraco deste projeto está no número limitado de entrevistados, apenas doze. Para ter relevância científica, uma pesquisa nesse nível precisaria recobrir um número bem maior de depoimentos. Entendo, contudo, que ele, o projeto, pode ser útil como “amostra grátis” do que pode vir a ser feito para se chegar a um estudo profundo e sistemático sobre a questão da recepção cinematográfica, assunto ainda tão novo na bibliografia fílmica brasileira, e mesmo mundial. ✦

João Batista de Brito é escritor e crítico de cinema e literatura. Mora em João Pessoa (PB)

Da esquerda para a direita,
Clovis Dias, Conceição
Myllena, Eleonora Falcone,
Fátima Duques e Glória
Gama



O silêncio das sombras

À GUIA DE APRESENTAÇÃO OU:
O MAL NOSSO DE CADA DIA, NOS LIVRAI HOJE

Humberto Vicente de Araújo

Apresentar uma obra e o seu autor não se torna uma tarefa fácil, principalmente para quem não pertence ao campo da literatura. Na qualidade de psiquiatra e psicanalista, apesar do meu gosto pela literatura e, em especial pelo gênero policial, faço essa apresentação a partir do terreno onde me sinto mais seguro. Como um bom soldado em preparação para a batalha, vestirei o meu divã e lançarei um olhar analítico sobre o livro *O silêncio das sombras* de Thiago Andrade de Macedo.

Wilfred Bion, expoente da Escola Britânica de Psicanálise, pontua que os fenômenos, os objetos, não podem ter uma interpretação única. Eles dependem do modelo empregado ou da perspectiva a partir da qual são observados. Para Bion, existem três perspectivas: a mística-religiosa, a estética-artística e a científica-filosófica. Portanto, não ousarei fazer uma interpretação analítica, mas lançar um olhar psicanalítico sobre essa obra.

A Psicanálise tem o seu campo específico que se desenvolve a partir do encontro de dois inconscientes. Fora desse campo é considerada Psicanálise aplicada que pode dar sua contribuição mas, contrariando o que se diz do mestre Freud, não pode explicar tudo. Afinal, outras áreas tais como literatura, economia, história, antropologia, sociologia etc., tem os seus espaços específicos.

O AUTOR

Thiago Andrade Macedo, 38 anos, nasceu em 31 de março de 1977, em Viçosa, Minas Gerais. É Bacharel em Direito, funcionário público federal, atualmente na função de Agente da Polícia Federal. Percorreu muitas cidades desse país, acompanhando os seus pais ou em função do exercício



da sua profissão. Portador de um espírito inquieto e perscrutador viajou por vários países, inclusive a República Tcheca. Essa viagem, acredito, influenciou sobremodo o cenário desse seu livro atual, além de ter reforçado a sua admiração por Kafka. Viveu a maior parte da sua vida em João Pessoa, tendo adotado essa cidade como sua. Passou a absorver a cultura local, adquirindo ares de paraibanidade.

A grande sensibilidade de Thiago, aliada a sua extensa cultura literária e musical, marcam a sua obra. Seu pensamento arguto, possivelmente aliado à sua vida profissional, propiciou o desenvolvimento da trama desenvolvida no *silêncio das sombras*.

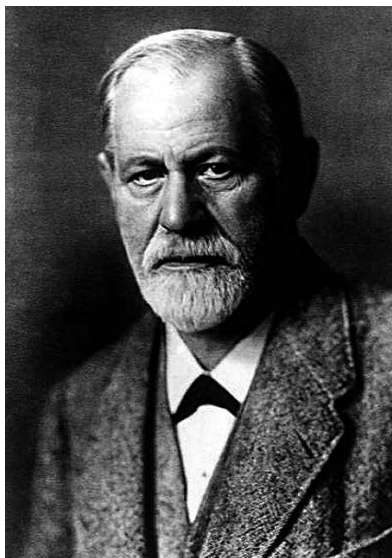
Antes da presente obra publicou o livro *A mulher na fotografia* e o conto "O guarda-costas". Ambos são *thrillers* do gênero policial psicológico. Esses trabalhos literários desaguaram no *O silêncio das sombras*, tendo o conto "O guarda-costas" constituído um dos capítulos do seu atual livro.

É invejável a destreza do autor, em estabelecer conexões com autores clássicos e contemporâneos, da música e da literatura. Seu grande interesse pela literatura, a cultura geral demonstrada, associados a sua vocação como escritor lhe prometem um futuro promissor nessa área.

A OBRA

Freud sempre foi um admirador incontestado, entre outras coisas, das artes, da literatura e da mitologia. Postulava que todas essas áreas eram manifestações da nossa vida inconsciente. Portanto, o criador e a criatura/ obra, encontravam-se intimamente relacionadas. Não é por acaso que na mitologia, por exemplo, encontramos todos os conflitos e tragédias próprias do ser humano. Freud utilizou-se desse mundo mitológico para compreender o funcionamento da mente humana e enriquecer a Psicanálise. O Complexo de Édipo, aspecto nuclear da sua teoria psicanalítica, foi inspirado na Mitologia.

O título dessa obra já é algo instigante: *O silêncio das sombras*. Nessas duas palavras, o autor nos apresenta um aparente paradoxo. ▶



Sigmund Freud (1856-1939), autor de *A interpretação dos sonhos*

- ▶ Um binômio que implica na ausência. Silêncio, ausência do som; e sombra, a ausência de um objeto ou, reflexo de um objeto. E vejam: o silêncio das sombras, a ausência de sons de objetos que também se fazem ausentes.

Quando falei de um aparente paradoxo é porque percebi uma lógica que proporciona um significado. Como no mito da Caverna de Platão, na qual os serem humanos que nasceram e viveram ali, eram acorrentados. Só podiam olhar para frente e, através de uma fresta de luz que vinha do exterior, viam as sombras projetadas no fundo e o sons advindos do exterior considerados por eles como verdadeiros. Uma brilhante analogia com o sistema consciente, pré-consciente e inconsciente da Psicanálise. Bion retoma o mito da Caverna e o compara com a Psicanálise. Para ele, o inconsciente é como a caverna. Para ter acesso ao inconsciente, não deve-se iluminar, mas lançar mais sombra para compreender o que se encontra na escuridão. Tais como as estrelas que estão presentes no dia, mas só são reveladas à noite pela escuridão.

Assim, ocorre o mesmo com a atenção flutuante do analista durante a sua escuta da fala do analisando. A luz, para Bion, seria aprisionar-se ao discurso manifesto (a mentira), em detrimento da escuridão, que seria o conteúdo latente (a verdade). Portanto, para Platão, para a Psicanálise (através da interpretação) e para Thiago (através da elucidação da trama) a busca da verdade é o objetivo final.

O CENÁRIO

Thiago nos remete, em um clima “noir”, a um país imaginário que lembra a Europa Central (talvez República Tcheca), com cidades onde se desenvolve a trama com nomes germânicos e eslavos. Zentrum é a capital federal, Ufer uma cidade litorânea e Grenze, local onde tudo começa, é a capital do Estado Fronteiriço.

Por que Estado Fronteiriço? Talvez porque a fronteira seja um lugar de passagem ou de transição, onde, paradoxalmente, as coisas devam ser contidas ou ser ultrapassadas, seja a terra de ninguém, apesar de ter donos. Possa representar a transição entre a opressão e a liberdade, da infelicidade para a utopia da felicidade, ou vice-versa. Portanto, é o limite entre a nossa vida consciente e inconsciente. É a nossa vida “borderline”. Não é por acaso que Grenze, a cidade onde tudo começa, significa “limite”. É, portanto a delimitação entre a fantasia e a realidade, entre a nossa loucura e a nossa sanidade.

Assim, como em nosso funcionamento psíquico, o livro nos traz imagens com matizes do preto e do branco. Coloridos, só os belos olhos verdes de Milena.

OS PERSONAGENS

O livro, como os de Agatha Christie, conta com inúmeros personagens que vamos assimilando ao longo da leitura.

Milena Haser Steiner, com seus belos olhos esverdeados (homenagem a uma das namoradas de Kafka) e seu namorado, Karel Rot, personalidade contraditória, são elementos centrais na trama.

Um aspecto muito original de *O silêncio das sombras* é que cada personagem fala por si mesmo. Cada um tem a sua própria visão e o autor nos instiga a que também tenhamos a nossa própria.

O Agente Carcereiro, o mestre



Agatha Christie (1890-1976), autora de *O assassinato de Roger Ackroyd*

de cerimônias que tudo acompanha, mesmo sem ter uma participação direta, pode representar o próprio autor que, numa espécie de dissociação psíquica, vive simultaneamente o mundo imaginário e o real. Ele, qual uma pitonisa, produz sonhos que expressam os detalhes da trama.

Ainda temos os policiais federais Petrus Hammer, Ivan Brod e Jan Pollack assim como o policial Saul da esfera estadual. O primeiro, Petrus Hammer, a meu ver, tem uma posição de destaque na trama.

Os nomes dos outros policiais federais, Ivan Brod e Jan Pollack, são uma homenagem aos dois amigos do autor tcheco Kafka Max Brod e Oskar Pollak. A admiração de Thiago por Kafka é também representada pelo nome Milena, uma das namoradas do autor tcheco.

Contamos com vários outros personagens, tais como os chefões da Agência Federal de Investigações, Samuel Volgemann, Pavel Tzara e Edgar Schlange

Otto Steiner, pai de Milena, é o poderoso senador que trava duelos durante toda a obra com Hammer culminando com um grande embate. Ambos significam pedra Stein (do alemão) e Petrus Hammer (martelo de pedra).

Entre outros inúmeros personagens, que não caberia aqui descrevê-los, sobressaem o cronista social Mathias Zorn, depositário de todas as fofocas da sociedade local e Crotabus, personagem diabólico, que representa a encarnação do mal absoluto. Mathias Zorn poderia ser considerado um falso self, pessoa que vive o desejo de outros e que não sabe quem é ele próprio, ou seja, qual é o seu verdadeiro self.

A TRAMA

Eis o dilema clássico: pai importante não aceita o namoro da sua filha Milena. Através dos seus sonhos, o Agente Carcereiro, mestre de cerimônias do enredo, volta dez anos no tempo e conta a tragédia. O carro onde supostamente se encontravam Milena, a filha do Senador Otto Steiner, e o namorado dela, Karel Rot, foi encontrado por pescadores totalmente destruído pelo fogo, às margens do Rio Grenze.

Como bem referiu-se o autor, tudo começa como “história de pescador”. Vale ressaltar que “história de pescador” não é, neces- ▶

► sariamente uma mentira, mas um pacto divertido entre alguém que narra uma fantasia e alguém que, na escuta, se torna cúmplice pois se realiza com essa fantasia.

Ao contrário da mentira de pescador, a mentira comum, de má fé desperta um sentimento de raiva e provoca algum dano. Por sua vez, essas histórias “tipos de pescador” se integram ao nosso desenvolvimento psíquico no qual as fantasias, os mitos e os contos de fadas ocupam um importante papel no nosso processo civilizatório.

O clima político montado pelo autor não foi por acaso. Muito se assemelha aos nossos dias atuais. Vem à tona o submundo do tráfico de influências, a perversa combinação de políticos corruptos, jornalistas, policiais e drogas. Creio que, nesse contexto, o Senador Steiner representa a condensação dos aspectos malévolos tais como, mensalões, petrolões e lamboghinis, dos políticos da nossa contemporaneidade. Portanto, representa o mal e o fascínio que ele exerce sobre todos nós.

O caso do desaparecimento de Milena e do seu noivo, por questões políticas, é abafado pelo Senador que, na ocasião, era o homem forte do Governo Federal. O caso é reaberto dez anos depois tendo a frente o policial durão Petrus Hammer. Deixo ao leitor o prazer de continuar na trama.

O MAL NOSSO DE CADA DIA, NOS LIVRAI HOJE

Como bem afirmou o autor, sua obra “é um romance psicológico travestido de romance policial”. Inspirou-se no imaginário popular de pessoas que fazem pacto com o diabo, ao ponto de venderem a sua própria, almejando obter algum ganho imediato. Portanto, significa a grande atração exercida pelo mal e o nosso desejo onipotente de dominá-lo e de auferir vantagens. Mesmo sabendo que jamais levaremos vantagens nesse tipo pacto, frequentemente caímos na tentação. Por exemplo, o drogadicto que supõe sempre ter o controle sobre droga. No entanto, essa adição à droga que lhe proporciona um gozo momentâneo representa um pacto masoquista com a pulsão de morte. Vida e morte, pulsão de vida e pulsão de morte estão muito presentes no imaginário popular.

Ao contrário de Anne Frank, judia perseguida pelo nazismo que, apesar de todo sofrimento imposto



Anne Frank acreditava na bondade humana, mesmo vítima do Holocausto

pelos seus perseguidores, continuava acreditando na bondade humana. Freud não acreditava nessa bondade. Ele manifestou essa opinião várias vezes. Por ocasião da instalação da Liga das Nações, após a Primeira Grande Guerra, quando foi convidado por Einstein para declarar seu apoio à mesma. A Liga surgia com o propósito de evitar novas guerras entre as nações. Acreditava, o Pai da Psicanálise, que o mundo não viveria sem guerras, porque o ser humano é egoísta e violento na sua essência. Em *Totem e Tabu*, quando analisa o porquê das proibições, dos tabus, Freud chega à conclusão de que o proibido representa o próprio desejo. Se não existisse o desejo não haveria necessidade da interdição. Seria algo indiferente. No seu famoso trabalho *Mal-Estar na Civilização*, Freud comenta o paradoxo do ser humano: ter que renunciar aos seus desejos básicos em prol da repressão, proporcionada pelo processo civilizatório. Devido à sua fragilidade como espécie, o homem teve que desenvolver sua inteligência e, para sobreviver, renunciar aos seus desejos para conviver em Sociedade. Obviamente, isso cria um mal-estar. Os Dez Mandamentos, ou seja, a interdição dos Dez Desejos do Homem forma a base da nossa civilização.

Assim, os binômios amor-ódio, inveja-gratidão, pulsão de vida-pulsão de morte, o bem e o mal, ou seja, Deus e o Diabo coexistem, no nosso mundo

interno. O mal que é sempre representado pela figura do diabo encontra-se dentro de cada um de nós e isso é o que realmente importa. O diabo externo, se realmente existe, não representa tanta ameaça, para nós e para nossos semelhantes, quanto o nosso demônio interior. Este demônio encontra-se representado pelos aspectos mais destrutivos da nossa personalidade.

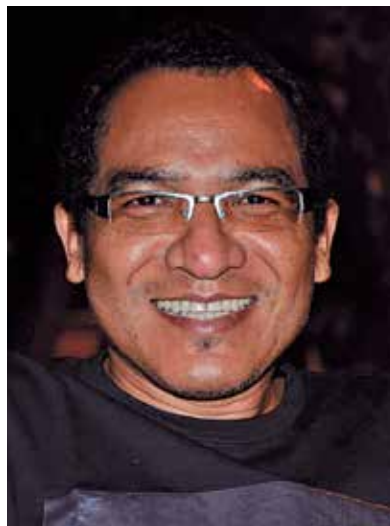
Para ilustrar, no interessante livro *Uma história do Diabo – Séculos XII – XX*, seu autor Robert Mucheblet, comenta a utilização política desse personagem das trevas. Durante muito tempo a Igreja não valorizava o demônio, utilizando-o quando precisava impor o medo ou o terror. Esse autor assinala paradoxos como uma igreja dedicada “Ao pobre diabo” e expressões populares a isso relacionada, como fulano é “um pobre diabo”.

No trabalho de Christoph Haizmann, “Uma Neurose Demoníaca do Século XVII”, Freud faz uma excelente análise da situação do autor, comparando o demônio à sua figura paterna. Thiago traz a condensação do que explanamos na figura de Crotabus, condensação do mal e de situações edípicas. O grande tabu, ou seja, o horror ao incesto, é tratado de forma clara e manifesta.

Finalizando, a história do homem confunde-se com a história de Deus e do Diabo. O controle dos aspectos destrutivos da nossa personalidade é um trabalho diuturno. O fascínio exercido pelo mal sobre nós é muito poderoso. Entregar-se aos nossos aspectos destrutivos é fácil; difícil é controlá-los. Lembremos dos males provocados pela intolerância religiosa, pelo nazismo e outras ideologias totalitárias. O nosso verniz cultural adquirido pelos costumes, tradições, interdições é muito tênue para encobrir a nossa “besta”. Por isso, concluo com esse apelo: “o mal nosso de cada dia, nos livrai hoje”. ❖

(Em tempo: Texto da apresentação feita no Zarinha Centro de Cultura, por ocasião do lançamento do romance *O silêncio das sombras*, de Thiago de Andrade Macedo)

Humberto Vicente de Araújo é doutor em Psiquiatria, psicanalista, professor Associado da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e membro da Academia Paraibana de Medicina. Mora em João Pessoa (PB)



O DIA
EM QUE LEMOS

ANTÔNIO MARIANO

André Ricardo Aguiar
Especial para o *Correio das Artes*

Antonio Mariano é um autor de muitos livros, boa parte deles de poemas. Tem publicado em revistas e tem editado também suplemento. Começou com *O gozo insólito* (Scortecci) e em seguida veio *Te odeio com doçura*, da mesma editora, e *Guarda-chuvas esquecidos* (Lamparina). Depois, enveredou pela prosa com o livro *Imensa asa sobre o dia* (que faz parte da coleção da Tamarindo) cujos contos estão neste atual livro. Ainda recentemente publicou *Sob o amor*, pela editora Patuá. Com romance pronto, contos que ao longo do período foram lidos no Clube do Conto (que fundou com colegas de ofício) e sua incansável caminhada cultural, era de se esperar que sua ficção desse as caras em novo viés.

O dia em que comemos Maria Dulce (São Paulo: Ficções Editora, 2015, 124 p.) é um livro que não mede esforços para, desde o título, anunciar que não veio alisar. A vida é dura, mas nos contos enfeixados com a prosa intensa, plástica, cruel de Antonio Mariano, ela ganha um outro patamar. Coisa que só a urdidura não dá conta, ou ficaria mero subterfúgio em que muitos novatos prosadores caem, unindo ingenuidade com beletrismo. No caso do autor aqui, o trabalho com os personagens, o dircurso indireto livre, as motivações para o lado humano, doloroso ou mesmo tragicômico têm na fluidez dessas

histórias um bom motivo para o leitor grudar em Maria Dulce.

Com perspectiva realista, mas sem cair em apelos de cunho social, em que muitos patinam e caem, a fatura desses contos se nota logo pela capacidade transformadora das imagens, pelo traquejo com que o poeta contamina o contista. Aliás, a escolha do personagem mais recorrente, Jailson, revela o sentido forte que um nome em suas simbologias pode conter. Jailson é formado por um binômio: jail + son (filho da prisão) e seu nome irá se espalhar em histórias e nas mais diversas vidas. Em geral, vidas sufocadas, arrastadas por um fatalismo, presas em sistemas opressores, tanto em núcleos privados, como a família, ou em arcos maiores, caso de uma cidade, uma sociedade, um modo de viver.

Do exemplo familiar, em conflitos e situações-limites, Mariano retira força dramática em gestos, em closes, em maneiras de proferir, em repetições. “O menino, mais encorajado, menos medo, mais ódio e indignação, reataca, decidido. Matou, matou. Matou mãeinha. O senhor matou mãeinha, matou mãeinha.” (Três cruces). Em outra chave, as inversões de ponto de vista, que mostram uma direção e na sequência toma outro rumo, indicando um vértice irônico, estão no conto *Herói interrompido*, cujo título esbanja ironia. Esse Jailson é um ensimesmado carente por reconhecimento, engolfado por uma ingenuidade de plantão ao imaginar que atos ideais resultam em recompensas, como buscar por uma justiça de prontidão

para atingir o interesse feminino. O andamento do conto é perfeito, pois retrata em boa parte uma perseguição: “Estava próximo demais do indivíduo para que um simples automóvel o detivesse. Coisa de dois metros, se muito. Jailson chupava o ar nos pulmões, prendia-o e, num pique desembestado, por um triz deixava de tocar a camisa do filho de uma égua, que entrava à esquerda na rua professor Batista Leite. Mais um pouco os dedos de Jailson roçavam as costas dele.”

É no conto que dá título ao livro que Mariano cede ao realismo eivado do mais puro delírio antropofágico, com a personagem Maria Dulce que, dentro de outra condição social, faz amizade com meninos esfomeados, e por extensão, num crescendo de sugestões com a entrega de doces, torna-se, ela mesma, o símbolo gustativo, o objeto do desejo de uma classe sem recursos, desesperada, que a ataca com gula, causando uma quebra consciente da verossimilhança para dar a imagem absurda com a qual o conto nos toma, misto de pesadelo e terror, ainda que, no traço do contista, isso resulte numa infinita tristeza também pelas coisas que o mundo nega mesmo em ritmo de sonho felliniano.

O dia em que comemos Maria Dulce é um livro de surpresas, escrito por um autor que passeia com desenvoltura tanto pela poesia quanto pela prosa, seja no romance ou na forma breve do conto. Que venham outras iguarias. ■

André Ricardo Aguiar é poeta e escritor. Mora em João Pessoa (PB)

O Cabo Branco e mais um crime ecológico

Gumercindo Rocha Dorea

Especial para o *Correio das Artes*

O Cabo Branco, plantado lá nas terras da Paraíba, enfrentando o horizonte longínquo e a África invisível, ao plantar o seu visitante bem dentro do mar alto, realmente transmite vida, força, presença inesquecível. É assim que seu grande vigia e intérprete, Ascendino Leite, o vê, sente e proclama, em bela prosa e sentimento incontidos: “Viver é unir-se ao Cabo Branco. Sou esta realidade que me persegue, onde quer que eu esteja, minha única vida pessoal, profunda, inseparável. Posso trapacear à vontade, com minhas idéias, meus desejos, meus erros e acertos. Mas a grande visão dominadora que me contém em plenitude e me deflagra um esplendor íntimo é esta poderosa acomodação com o signo mais vivo da existência concreta do torrão materno” (*Sol a Sol*, EdA Edit., Rio de Janeiro, 1987).

Quem não sentiu ainda a terra do grande penhasco sob os pés, tendo com ele o prazer de olhar altaneiro a imensa superfície líquida do oceano Atlântico, precisa fazê-lo o mais depressa possível, antes que a erosão devastadora do homem – e do próprio mar – o nivele, no decorrer de poucas e futuras gerações, a uma planície igual a tantas outras que se espalham pela longa e abandonada costa brasileira.

As tragédias que abalaram o Rio de Janeiro há alguns meses, Santa Catarina há poucos

anos, o mesmo Rio de Janeiro vinte anos atrás, já está suficientemente provado terem suas origens na ânsia destruidora do homem, incapaz de bem conviver com a natureza, de respeitar suas leis e dela usufruir gratuitamente tudo que lhe é ofertado.

E agora, ao clamor que repercute de todas estas tragédias, agora mais um se acrescenta, vindo de João Pessoa: o Cabo Branco poderá deixar de existir se o socorro não chegar a tempo, destruídas que estão suas encostas e praias limítrofes – tudo para atender à sede de lucro de alguns empresários.

Reflorestamento urgente, é o brado que vem da terra de Ascendino Leite, e recuperação das praias, pois mais de cem metros da grande mole granítica já se perderam, dominadas pelas águas. Somente com medidas enérgicas e imediatas será permitido às gerações futuras conhecer a grandiosidade do Cabo Branco, com a sua imponência real, e não apenas através de reportagens de jornais, livros ou documentários cinematográficos.

Não. Que as páginas de Ascendino Leite não venham a ser colocadas ao lado do sofrido poema de Carlos Drummond de Andrade, quando as cataratas do Iguaçu foram parcialmente destruídas, ou paralelamente ao incontido brado de revolta de Fernando Sales,

invetivando, através de versos fortes, a destruição de sua Chapada Diamantina.

Mas, por que não partir Ascendino Leite, através das vividas páginas de seu “jornal literário” (que já atingiu uma dezena de volumes), como que para uma verdadeira cruzada, levando, a todos os que se alimentam de suas serenas meditações (ou de alguns momentos incontidos de verdadeira fúria iconoclasta) e jóias de crítica literária, um brado de revolta que somente ele, partindo deste seu mundo interior, terá possibilidades de fazer erguer-se no coração e na inteligência dos brasileiros, conheçam ou não o Cabo Branco?

Os que já apreciaram – temerosos, embora, como aconteceu há alguns anos ao autor destas linhas – a portentosa massa líquida, do alto do Cabo Branco, traduzirão as suas recordações em protestos mais fortes e com mais convicção. Aos que ainda lá não estiveram, participando de uma simbólica comunhão cósmica naquele gigantesco anfiteatro, e ao carinho rude do vento que vem do grande oceano, poderão, através das páginas e do entranhado amor de Ascendino Leite, ser despertados para essa grande luta, a de

**Somente com
medidas enérgicas
e imediatas será
permitido às gerações
futuras conhecer a
grandiosidade do
Cabo Branco, com a
sua imponência real
(...)**

salvar o Cabo Branco. Isto para que os vindouros não venham a indagar uns aos outros: que povo era este, e que governantes tinha a dirigir o país, insensíveis – ambos – a tal ponto que permitiram a destruição de tão majestoso acidente geográfico?...

(Em tempo: Artigo publicado, originalmente, no *Jornal da Cidade*, de Bauru (SP), em 1987, após a leitura, pelo autor, de uma matéria da jornalista Lena Guimarães, publicada no *Jornal do Brasil* em 28 de novembro de 1987.) ✦

Gumercindo Rocha Dorea nasceu na cidade de Ilhéus (BA) em 1924. É editor, escritor e jornalista. Em 1948, fundou a Edições GRD. Mora em São Paulo (SP)



Na toca do coelho

ESCRITO HÁ 150 ANOS, ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS, DE LEWIS CARROL, CONTINUA OFERECENDO CHAVES IMPORTANTES PARA O AUTOCONHECIMENTO

Gabriela Leite

Especial para o *Correio das Artes*

Os livros que têm resistido ao tempo são os que possuem uma essência de verdade capaz de satisfazer a inquietação humana por mais que os séculos passem.
Cecília Meireles

Em 2015, o livro *Alice no País das Maravilhas* faz aniversário de 150 anos da sua primeira publicação. Sobreviver 150 anos realmente é motivo de comemoração! Já é, por assim dizer, um “pedaço de

eternidade”: um século e meio de existência! Como acontece com tantos outros livros clássicos (não necessariamente já lidos por nós) o curioso é que temos a sensação de que os conhecemos *desde sempre*. Seus símbolos são tão fortes e já foram tantas vezes representados e interpretados que nos sen-



Alice no País das Maravilhas, de Tim Burton

▶ timos íntimos deles. Quem já não ouviu falar da Alice, do coelho branco de colete e relógio, da lagarta azul, do gato sorridente, do Chapeleiro Maluco e seu chá interminável ou da Rainha de Copas e seu “cortem-lhe a cabeça!”?

Conhecemos os símbolos e nos sentimos próximos deles mesmo sem entender direito o porquê. Alguns querem saber um pouco mais, querem interpretar, analisar, desvendar o segredo que está por trás da “sensação de eternidade” tão presente... No caso dos “Alices” (daqui a alguns anos comemoraremos também a visita dela ao país dos espelhos) quantos já não fizeram isso? Quantas análises, interpretações, teses de mestrado e doutorado já não foram escritas sobre eles? Quantas

inferências já não foram feitas sobre as motivações do autor, seus interesses etc.? Se o livro “sobrevive ao tempo” talvez faça isso exatamente porque encontra diferentes representações ao longo desse mesmo tempo. Essas representações fazem sentido e se justificam porque dão sentido a momentos e etapas da vida. E acredito que são válidas porque simbolizam a busca constante do homem de encontrar sentido em sua experiência.

E aqui caio em uma contradição digna de um texto que pretende homenagear o livro *Alice no País das Maravilhas*: um livro dito “nonsense”, “sem sentido”, dando sentido a momentos da vida?! Loucura? Talvez não. Antes de falar exatamente do livro, é preciso dizer que minhas reflexões têm um elemento importante por trás: a filosofia. Procurando respostas para algumas supostas “loucuras” da vida, encontrei a possibilidade de estudar filosofia de uma forma bem prática. E muitas portas se abriram pra mim desde então... Acredito que estudar diferentes tradições éticas, históricas, religiosas, mitológicas etc. já é, de certo modo, cair na “toca do coelho”. Em todos esses anos, venho constatando, como a Alice da história, que até a queda na filosofia foi interessante, pois enquanto eu “caía de cabeça” nos estudos filosóficos, já era levada a questionar muitas das minhas ideias pré-concebidas.

Então, a história do livro gira em torno das aventuras de uma criança, Alice. A criança como personagem central já traz em si a possibilidade de enxergar a vida de forma diferente e inusitada: uma criança pode seguir um coelho de colete e relógio que diz “é tarde, é tarde”. No livro *O mundo de Sophia* essa é a primeira alegoria utilizada.

Filósofos e as crianças são muito parecidos, diz o livro, pois querem permanecer na ponta do pelo do coelho que é tirado pelo mágico da cartola. Eles querem olhar nos olhos do mágico e entender o mistério. A Alice segue o coelho, cai na toca e já na queda “quase interminável” aprende e reflete sobre muitas coisas: o mistério está apenas começando...

Ao final da queda, Alice se vê na dinâmica do “cresce e encolhe” e das confusões para passar pela portinha que vai levá-la ao País das Maravilhas. Acredito que a filosofia promove a mesma sensação do “grande e pequeno”, experimentada pela Alice: muitas vezes parece que não “cabemos” mais nas nossas ideias. Que tamanho “adequado” devemos ter? “Quem é você?”, pergunta a lagarta azul para a Alice de um modo incisivo. E a menina não sabe realmente o que dizer, pois já mudou tantas vezes que não sabe mais quem é... Como é possível não se reconhecer pelo menos um pouquinho nessa constatação?

O encontro com o gato sorridente traz um dos diálogos mais comentados do livro. O sorriso, embora enigmático, é a deixa para Alice se aproximar, já que denota simpatia. Mesmo assim, ela se aproxima com cuidado, pois não deixa de ser estranho um gato que sorri. Apesar disso, nesse ponto da aventura o cenário da aventura começa a ficar mais claro para Alice: ela começa a perceber que no *País das Maravilhas* é normal que coisas estranhas aconteçam. Na filosofia acredito que é o momento em que percebemos que o que consideramos tão “lógico e racional” talvez não seja bem assim... Alice pergunta para o gato que caminho tomar e como ela não sabe bem aonde quer chegar (na verdade ela não sabe se quer ir embora ou ficar), ele responde então que “qualquer caminho serve”. Essa passagem vem sendo interpretada sempre como um indício de que “quem não sabe para onde quer ir, está perdido”. Isso pode ser verdadeiro em situações bem literais, mas buscando o sentido mais simbólico do trecho e do livro como um todo, creio que no mundo esta- ▶



A atriz Mia Wasikowska interpreta a personagem Alice, no filme de Tim Burton



Em sua sétima atuação sob a direção de Tim Burton, Johnny Depp interpreta a personagem Chapeleiro Maluco

► mos sempre um pouco perdidos e qualquer caminho tem sua utilidade se estivermos dispostos a aprender. O gato sorridente pode assumir muitos significados e imagino que um deles pode ser a atitude otimista de arriscar-se a caminhos não tão lógicos, como o que Alice se arrisca em seguida quando decide visitar o chapeleiro. Entre as sugestões de caminho oferecidas pelo gato à menina, ela poderia visitar o chapeleiro ou a lebre de março... O gato deixa claro que ela pode visitar qual deles quiser, pois “os dois são loucos”. Alice responde que não quer ter contatos com gente louca, mas o gato retruca que todos lá são loucos. Portanto, se ela está lá é porque é louca também. Alice já está mesmo acreditando nisso e começa a ficar bem convencida de que no País das Maravilhas todas as opções vão sempre envolver um pouco (ou muito) de loucura.

E lá vai Alice conhecer mais alguns personagens completamente malucos do País das Maravilhas... No meio de charadas impossíveis de se resolver, a menina vive o dilema do Chapeleiro Maluco e seus convidados presos em chá interminável por causa de uma “briga com o tempo”. O tempo percebeu que o Chapeleiro tentava “matar o tempo” e por isso agora eram sempre seis horas. “O tempo não faz mais o que eu quero”, lamenta-se o Chapeleiro. Nesse contexto, cabem aqui, como exemplo, as palavras do poeta Carlos Drummond de Andrade em um dos seus textos intitulado “O verbo matar”:

A ideia de matar é de tal modo inerente ao homem que, à falta de atentados sanguinolentos a cometer, ele mata calmamente o tempo. Sua linguagem o trai. Por que não diz, nas horas de ócio e recreação ingênua, que está vivendo o tempo? Prefere matá-lo.

Será que também não “somos castigados” pelo tempo quando tentamos matá-lo ao invés de vivê-lo? E o que seria realmente aproveitar o tempo? Mais questões de que a filosofia também se ocupa e busca constantemente refletir e analisar.

A Rainha de Copas e sua mania de cortar a cabeça de todos que a contrariam é outro ponto forte e muito conhecido do livro. Mais do que imaginar cabeças cortadas, creio que o que mais interessante nesse trecho da história é o jogo de críquete entre Alice e a Rainha. A menina percebe logo que nunca tinha visto um campo tão surpreendente em toda a sua vida: “as bolas eram ouriços vivos e os bastões eram flamingos vivos”. Além disso, os buracos por onde deveriam passar os ouriços eram formados por soldados dobrados (cartas de baralho) que mudavam a todo instante de lugar. Cada vez que tentava arrumar o “seu taco”, seu flamingo se torcia e mudava de posição... Alice constata a confusão que é jogar com coisas vivas. Gosto de pensar na vida como um jogo com coisas vivas. Acredito que se pudéssemos realmente perceber como estamos o tempo todo jogando com coisas vivas, talvez fosse mais fácil aceitar as

mudanças no mundo e dentro de nós. Mas talvez estejamos sempre nos comportando como a Rainha de Copas, querendo ganhar a qualquer preço e imaginando que podemos sempre “cortar as cabeças” que quisermos. Será muita loucura pensar na Rainha de Copas como um símbolo do amor? O amor com todas as suas facetas? A Rainha tem sim seu lado rígido inegável, mas é ela quem propõe um jogo com as coisas vivas. E cabe aqui destacar que *Alice não aceita deixar a Rainha ganhar*. Mesmo reconhecendo a dificuldade do jogo, ela quer jogar *de verdade*.

Por fim, é tudo um sonho. Alice acorda ao lado da irmã e conta pra ela todas as experiências esquisitas que viveu no País das Maravilhas. Alice não parece entender o sentido de tudo o que viveu e nem parece estar muito preocupada em entender. Afinal, na história ela tem apenas sete anos! Mas o sonho permanece e sua irmã passa a sonhar com ele também. Ela se pergunta se Alice vai conservar quando adulta “o coração simples e amoroso da sua infância” e se algum dia vai se lembrar de transmitir para outras crianças aquelas aventuras surpreendentes: “um sonho de um tempo tão distante”.

Em uma das teses acadêmicas que li sobre o livro, o autor destaca que o nome Alice é derivado do grego “Alétheia” (ἀλήθεια) que significa verdade. Sei que não é novidade a utilização da filosofia para compreender e explicar esse livro tão especial, mas mais uma vez encontramos coincidência entre a tão almejada “busca pela verdade” empreendida pelos filósofos (“amantes da sabedoria”) e a aventura vivida na história.

As aventuras de Alice foram sonhadas e contadas por Lewis Carroll há 150 anos e ainda fascinam e despertam interesse. Que continuemos nos inspirando com essas histórias maravilhosas que, em sua aparente loucura, parecem nos dizer tanto a respeito de nós mesmos. ❖

Gabriela Leite é aluna e voluntária da Nova Acrópole - Escola de Filosofia à Maneira Clássica. Mora em João Pessoa (PB)

Dez dias

COM ELENA EM Havana

Analice Pereira

Especial para o *Correio das Artes*

DÉCIMO DIA: "MIREM-SE NO EXEMPLO DAQUELAS MULHERES..."

E Certamente Elena seria brasileira, se não fosse cubana. Havia uma espécie de binacionalidade nela em alguns traços físicos, em algumas maneiras de ser, por exemplo, na cordialidade com que recepcionava as pessoas. A expressão "mi amor" na voz dela tinha o gosto de alfenim da infância da estrangeira. Sob o nobre gesto do afeto, confirmado no tom terno com que suas palavras eram ditas, seus braços acolhiam, seus olhos testemunhavam, a cubana ia conquistando a brasileira, de quem ia se tornando cúmplice ao contar, de uma forma gestual bastante expressiva, toda a sua vida, e, em alguns momentos e situações, contava como se desfiasse um rosário: segredando e reclamando. Reunia em seu baú de lembranças uma gama de histórias, confidenciais para a sua hóspede como algo que já passou e que, por isso, não valeria mais a pena recuperar. No entanto, o que ela era hoje, definitivamente, era fruto do que foi e do que viveu. Afinal de que massa somos feitos senão dessa massa da memória? Nada somos sem memória. Morrer é o fim da consciência do que somos, e essa consciência se constrói a partir, também, do que fomos. Mas para Elena, essas reminiscências, agora compartilhadas, não deveriam ultrapassar o lugar secreto da consciência das duas.

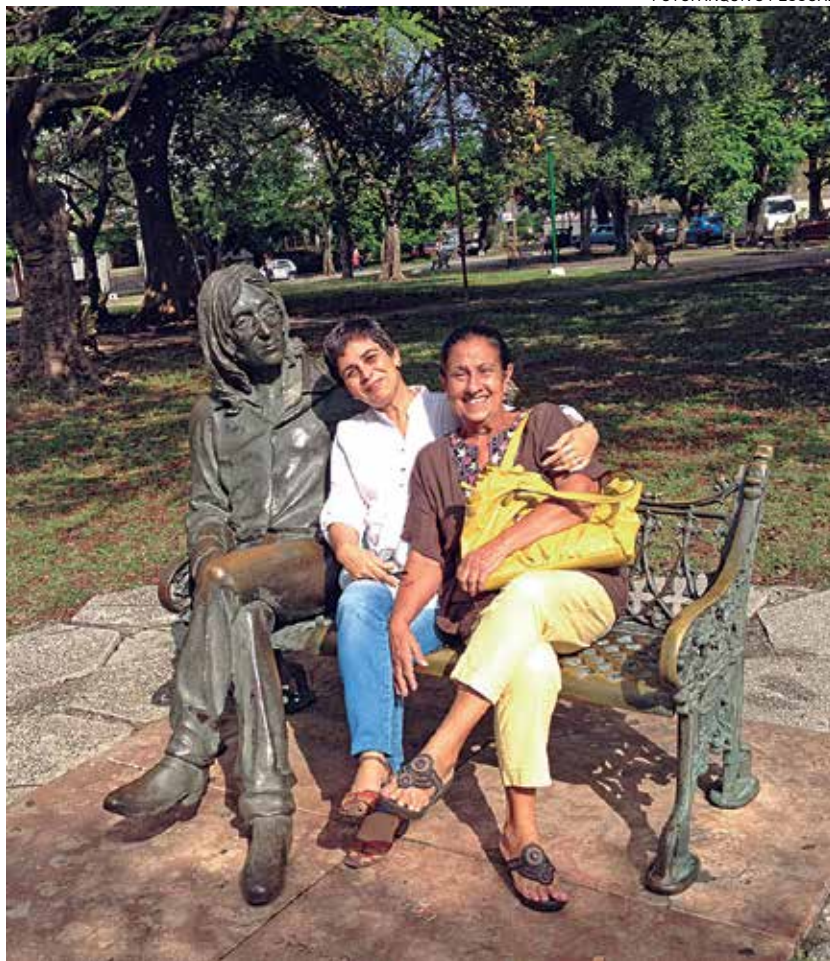
Caberia a quem guardar essas lembranças de Elena? Por uma questão de ética narrativa

e de honestidade no cumprimento de um trato, eu, narrador na condição de terceira pessoa, poderia contrariar o desejo de minha personagem, já que minha interlocutora, ou seja, a estrangeira, meu autor-implícito, responsável por me passar todas as informações para a tessitura de meu texto, não conseguia se dissipar, em nada, daquilo que tinha ouvido, presenciado, sentido em sua pele. Eu e ela somos um só. E cada uma daquelas histórias, depoimentos, esclarecimentos poderia vir a público, se nós quiséssemos. Mas, a pedido de nossa personagem Elena, somente algumas poucas informações acerca de si poderíamos contar. Complicava-se, agora, contar essa história. Talvez a atitude de mudar a voz e o ponto de vista da narração ajudaria à própria história a se deixar tecer, sem que amarrotasse o brio de ninguém: nem o meu; nem de Elena, nem da estrangeira? A mudança do foco de terceira para primeira pessoa talvez concedesse mais legitimidade à narração. Será? Tentemos.

Eu sou a hóspede de Elena, a viajante. O que contarei daqui pra frente vem da escuta da voz de Elena e dos seus gestos, que, por serem tão expressivos, significavam em mim uma contribuição necessária na compreensão daquela língua.

Elena se graduou em Arquitetura e, nessa profissão, trabalhou toda a sua vida, até se aposentar. Sob seu olhar de arquiteta (e urbanista) conheci ▶





John Lennon, esculpido pelo artista cubano José Villa Soberón e exposto em Parque "17 y 8", em Havana

► *Havana Vieja*: museus, praças, La Granma, 5 Esquinas, Catedral de La Habana, El Patio, La Bodeguita del Medio, Floridita. Perambular pelas ruas de uma cidade, acompanhada por uma arquiteta nascida e residente nesta cidade, foi, para mim, algo indescritível, dadas a qualidade e a quantidade de informações que me ajudaram na tarefa de me descortinar daquele romantismo que me acompanhou naquela viagem e, em certa medida, impedia-me de tecer uma opinião mais crítica sobre as questões sociais da Ilha. A urbanidade, certamente, é uma dessas questões porque reflete em imagens vivas e em cores reais a vida de um povo, que envolvem o social, o estilo, as crenças. A arquitetura, pelo seu aspecto predominantemente visual, funcionava em mim como

componente imprescindível para vislumbrar e compreender o que chamaria de “quadros vivos”; algo que estaria entre a fotografia e o cinema, mas sem filtros. Coube a Elena me mostrar que miopia pode até ser um problema, mas pior ainda é a cegueira racional, indiscutivelmente.

Nascida em 1948, Maria Elena Barquet testemunhou a Revolução Cubana e as suas consequências. Conversar com ela sobre esse tema é como nadar em águas transparentes, onde se pode ver até os mais minúsculos

corpos vivos e não vivos. Pela lente de Elena pude ter uma visão microscópica, ampliada pela sua vivência imbuída de uma racionalidade incrível, mas que não eliminava, de forma alguma, todos e quaisquer traços de uma natureza essencialmente emotiva. No entanto, para efeitos de algumas ambiguidades acerca do tema, que não são fáceis para qualquer estrangeiro, as revelações com que as questões da Ilha iam-me sendo apresentadas também guardavam certos enigmas. Tinha em mim que este conhecimento pleno do lugar só é mesmo concedido àqueles que nasceram e vivem no lugar. Meses depois, confirmava isso assistindo à entrevista de Leonardo Padura à TV Cultura, no programa Roda Viva. Em resposta a uma jornalista da revista *Veja*, Padura, muito educadamente, dizia-lhe que ela não podia falar do que não conhece porque não testemunhava, não via e não vivia. Ela, a jornalista, falava, equivocadamente, da fome em Cuba. E Padura, em palavras claras, retrucava “nadie muere de hambre en Cuba”.

Durante aqueles dez dias ao lado de Elena, pude conhecer, portanto, um pouco da história de uma mulher, que é, também, a história de tantas mulheres cubanas. Dentre as experiências de vida de Elena, que me cabem aqui revelar, pontuo três que me chamaram atenção: a estada dela com o marido e os filhos na URSS, por quatro anos, em pleno período revolucionário; a estada dela com o marido e os filhos, em missão, em Angola, por cinco anos; e o seu trabalho de conclusão do curso de Arquitetura. Limitar-me-ei a destrinçar apenas o último, que envolve, sobretudo, a compreensão de uma alma humana reflexiva e bastante criativa. Elena graduou-se defendendo uma ideia um tanto

inusitada. Para mim, excêntrica. Ela propôs à Universidade de Havana um projeto de cemitério que contivesse dois espaços diferentes para receber as pessoas: um espaço para chorar e um espaço para sofrer. Minha pergunta foi inevitável: *por que esses dois espaços?* A resposta de Elena, seguida de um riso que demonstrava um certo desdém por esse passado, foi: *porque você pode sofrer sem chorar e pode chorar sem sofrer; cada coisa de uma vez e num lugar diferente.* Interessou-me essa ideia de que se sofre sem chorar e se chora sem sofrer. Cada coisa no seu lugar específico, com uma ambientação, uma decoração, circulação de ar e uma luz específicas; cada espaço pensado exatamente para cada sentir. *Uma loucura*, dizia ela. E tinha razão. Eis um projeto inexecutável, mas adornado pela mais pura poesia.

Fomos em La Templete, uma construção neoclássica, a primeira nesse estilo na cidade de Havana. Em seu jardim encontra-se uma árvore, sobre a qual se alimenta uma superstição: dar três voltas em seu entorno e, para cada volta, um pedido, na esperança de ser realizado. Assim o fizemos e em seguida revelamos, uma à outra, nossos pedidos. Os dela guardo em segredo. Os meus restringiam-se a um só: saúde, muita saúde para minha filha. Fizemos, juntas, muitos outros passeios, e sobre cada um guardo minhas lembranças de gosto de alfenim, como se tivessem voltado à infância e brincava, num sertão paraibano, com uma irmã mais velha.

Foi, então, no último dia, que Elena finalmente me mostrou seus poemas. Nas palavras dela: *sin importancia*. Pedi alguns: *quem sabe podemos publicar ao menos um?* Ela se animou. Mas reiterava a despretensão literária que havia naqueles poemas. Lembrei-me de imediato da resposta

de Norberto Codina, editor da revista *La Gaceta*, para a minha pergunta pontual: *Você escreve? Romances, poesia, contos?* A resposta veio de supetão, e carregada de humanidade: *Escribo poesía. No soy un poeta important, pero soy poeta.* Lembrando dessas palavras, despertou-se em mim o desejo de ver pelo menos um poema de Elena publicado em meu país, na minha cidade. Afinal, o que é mesmo fazer poesia? É o mesmo que ser poeta? Talvez uma coisa desdiga a outra? Pelo sim, pelo não, lanço mão dos versos da amiga cubana, pelos quais se reconhece, ao menos um pouco, a razão de seu pretense desdém por passado.

Presente

La vida la vivo
 En presente solamente
 El futuro no me importa
 Y el pasado...
 Simplemente pasó
 Se acabó
 Se cerro un capítulo
 Y se abrió
 El presente
 Presente, pasado, futuro
 Son tiempos gramaticales
 Me lo enseñaron así
 Pero a mí solamente
 Me interesa el primero
 El presente
 Pois el pasado
 Pasó
 El futuro pasará
 Y ambos inclusive no existen
 Se fueron
 Y quedó
 El presente nada más...

Foi uma viagem singular. Voltar a Havana, certamente, terá seus (novos) encantos. Mas provavelmente não significará como significou dessa vez. Um certo deslumbramento, resultado do (re)conhecimento de um lugar, em suas qualidades, mas também em seus equívocos, ou em

suas contradições. E não seria pelo parâmetro dos últimos que iria me deslumbrar menos. Devo, portanto, essa capacidade de observar a realidade de Havana e, mesmo assim, pelos problemas que ela vive e que não são poucos, não deixar de ser provocada pelo sentimento de deslumbramento, às maneiras como essa realidade me foi apresentada: primeiro pela literatura de Leonardo Padura; segundo por Elena e seu filho Alejandro. Pelas duas maneiras (lentes) pude observar a protagonização do ser humano como força motriz de uma situação sócio-político-econômica em que vive o povo cubano e o que isso representa para o mundo, ou, ao menos, para aqueles aos quais ainda vale se imbuir de uma utopia. Pude ver o humano em sua capacidade de compreensão plena, pela qual ainda se consegue perceber gestos de perdão, de gratidão, de generosidade, de compaixão e, sobretudo, do reconhecimento de que é possível mudar. Sempre.

Três senhores se revezam em plantões diários para colocar os óculos na estátua de John Lennon, cada vez que chega um visitante. Em nossa breve visita ao local, e inspiradas na atmosfera em torno da figura do músico inglês, um dos mais conhecidos mundialmente e apreciados por suas ideias sobre amor, sobre fraternidade, trocamos, eu e Elena, uma vez mais, nossas impressões sobre a necessária ideia de sonhar. ◀

Analice Pereira é crítica de literatura, ensaísta, contista e professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB). Mora em João Pessoa (PB)





Recife dos buracos e dos tubarões

A leitura de *Minha formação no Recife*, segundo volume da obra memorialística de Gilberto Amado, é de grande valia para todo e qualquer recifense que queira conhecer melhor a história da nossa cidade e se posicionar sobre alguns dos seus graves problemas. Se o leitor for pessoa de bom gosto literário, poderá ainda usufruir da prosa de Gilberto Amado, que é, sem favor, um dos maiores memorialistas brasileiros, um dos poucos que chegam a atingir a altura do ombro de Pedro Nava.

Tome-se, como exemplo, o problema dos buracos das nossas ruas e calçadas. É certo que a coisa piorou muito nas últimas gestões do PTT. Abro um parêntese para explicar aos meus leitores que PTT não significa, aqui, "Partido Tradicionalista Transistorizado", como na crônica de Drummond, e sim "Partido dos Trabalhadores e das Trabalhadoras". É o nome que uso para me referir ao partido político da nossa Presidente, o que faço, em primeiro lugar, por solidariedade feminista às mulheres que trabalham e pertencem àquele partido; e, em segundo lugar, para que o nome do partido se coadune melhor com a famigerada expressão "todos e todas", criada por seus ideólogos para saudar as plateias Brasil a fora e agredir os ouvidos de quem gosta da língua portuguesa bem escrita e bem falada. Mas voltemos aos buracos. A coisa piorou, como eu vinha dizendo, mas se engana quem atribui a culpa dos buracos do Recife aos nossos políticos recentes. O problema vem de longe. As memórias de Gilberto Amado se referem aos anos de 1905 a 1909, tempo em que o sergipano de Itaporanga cursou a nossa Faculdade de Direito, bem antes de se tornar cidadão do mundo. Pois bem: além da fedentina e da sujeira do Recife, o que logo chamou a atenção do estudante recém-chegado e instalado numa pen-

são, no bairro de São José, foi, justamente, a nossa buraqueira, sobretudo a das calçadas, por onde caminhava diariamente. Afirma ele, em certa passagem do livro:

"Nos primeiros dias eu descia para a Faculdade, logo de manhãzinha, em longa caminhada, calçadas e ruas esburacadas abaixo". (*Minha formação no Recife*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1955, p.22)

E logo depois:

"Eu fazia o percurso das Cinco Pontas à Faculdade e da Faculdade às Cinco Pontas, nas pedras pontiagudas e nos buracos traiçoeiros das calçadas do bairro de São José". (Ob. cit., p. 26)

Páginas e páginas à frente, topamos com mais buracos, como se estivéssemos andando hoje, mais de cem anos depois, por qualquer bairro do Recife:

"O sol coruscava cruíssimo nas pedras desajustadas do calçamento antigo todo esburacado. No inverno as poças de lama e de água fermentada eram tantas que se tornava difícil evitar molhadela de sapatos e espandação de salpicos nas calças de casimira, forçando despesas e esperas angustiosas em tintureiros impontuais". (Ob. cit., p. 104)

Se alguém já viu, de perto, um trecho de arrecife, não terá dificuldade em compreender o real motivo que levou a capital de Pernambuco a receber o nome daquela formação rochosa. Andar em nossas ruas e calçadas exige o mesmo cuidado de se andar por cima de um arrecife. Que o diga dona Vera, minha pobre mãe, que já fraturou o fêmur da perna direita e o joelho da esquerda, em duas quedas, ambas em nossas maravilhosas calçadas.

Outro problema que afeta diretamente o recifense de hoje é a desagradável presença de tubarões na nossa bela praia de Boa Via- ▶

gem. “Nossa”, aí, é modo de falar, pois a praia, de fato, pertence aos tubarões, restando ao banhista se contentar com a areia e o banho de balde ou chuveiro. No tempo da minha infância e juventude, jamais ouvi falar em tubarões na praia de Boa Viagem. Como os ataques começaram a se tornar frequentes a partir da década de 1990, as explicações dos especialistas para o fenômeno recaem, sempre, sobre o desequilíbrio ambiental causado pela construção do Porto de Suape, cerca de 40 quilômetros ao sul da cidade, no município de Ipojuca.

Se os especialistas em tubarão tivessem lido Gilberto Amado, perceberiam que há algo mais entre a terra e o mar da nossa região do que sonha a sua vã ciência. Algo que talvez venha ocorrendo periodicamente, a cada cem anos, digamos. Isto porque outra coisa que também chama a atenção do memorialista de *Minha formação no Recife* é, justamente, a grande presença de tubarões em nosso litoral. Pelo que se deduz das suas palavras, havia mais tubarão em nossas praias, há um século, do que mosquito da dengue hoje, em nossos quintais. Tanto em Recife quanto em Olinda, onde Gilberto ia tomar banho de mar com um porrete, para se defender dos “glutões do Atlântico”, como ele diz. Se alguém está exagerando, aqui, não sou eu, mas o memorialista:

“Depois do almoço, [...] digestão feita, eu tornava à praia onde me esperavam as ondas e os tubarões que de tarde rondavam mais perto da beira do que de manhã. Todo o mundo ria ao me ver penetrar na água com um pau comprido, quase uma vara. Fui de fato inventor do uso do cacete contra os sinistros esqualos de Olinda que indiferentes ao baticum dos banhistas ousavam, enrolados na volumosa espuma da arrebentação, vir caçar gente quase até a orla da areia. A estatística registrava aumento contínuo de consumo de crianças e estudantes pela voracidade dos bichos. Além do varapau que eu ia agitando em torno de mim fazendo barulho nas ondas



enquanto me aventurava mais ao largo, possuía eu contra os medonhos atacantes outro elemento de defesa: o olfato exagerado com que me dotou a natureza e que me permitia farejar de longe o enjoativo cheiro de melancia por que se denunciavam entre os odores do mar”. (Ob. cit., p. 293)

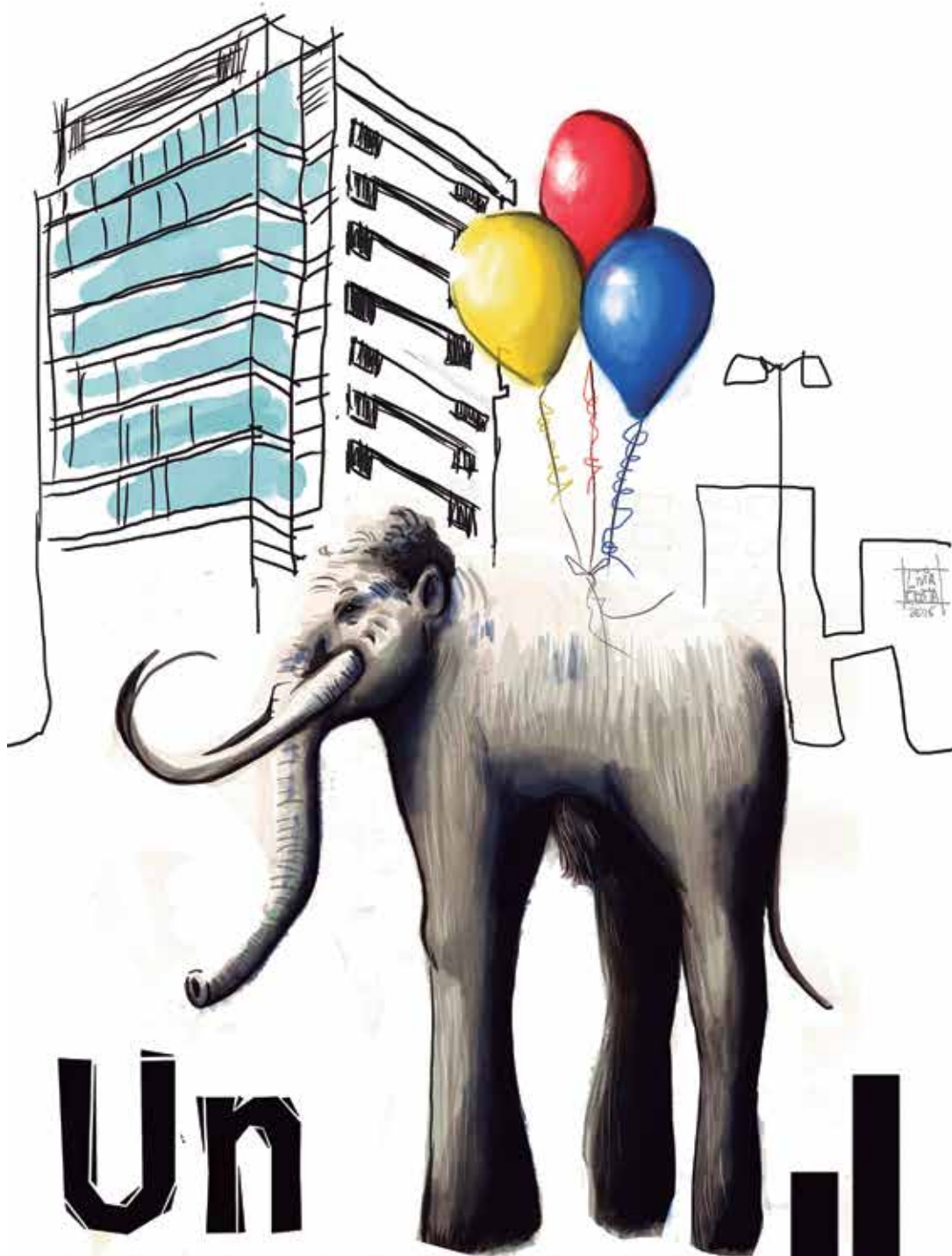
E segue Gilberto Amado, contando o caso de um seu amigo, devorado por tubarões alguns anos depois:

“Tivesse tido a vantagem de sentido tão apurado quanto o meu, Bento Américo, meu colega anos depois no corpo docente na Faculdade, professor de Direito Comercial, estaria vivo ainda hoje. Com efeito, foi comido pelos

tubarões. Entrou um dia no mar, calma e desprevenidamente, de sapatos de borracha. Em menos de um minuto desapareceu num rolar de sangue. Deste ilustre jurista pernambucano, só bateram na praia, como únicos remanescentes de sua pessoa, os dois sapatos de borracha com que atiladamente pensara preservar-se dos incômodos da areia”. (Ob. cit., p. 293-294)

E agora, senhores especialistas? ✦

Carlos Newton Júnior é poeta, ensaísta e professor da Universidade Federal de Pernambuco. Mora em Recife (PE)



Un
MAMMOUTH
SENSIBLES



122
anos

2015

uma nova História
para uma nova





A UNIÃO

Reserve seu anúncio (83) 3218.6526

Faça a sua assinatura (83) 3218.6518



A UNIÃO Superintendência de Imprensa e Editora

www.paraiba.pb.gov.br |    [uniaogovpb](https://www.facebook.com/uniaogovpb) |  uniaogovpb@gmail.com

www.pb.senac.br



VONTADE DE APRENDER

**BOM NEGÓCIO É
CONTRATAR UM
APRENDIZ
DO SENAC**



ORGANIZAÇÃO

**JOVEM
APRENDIZ**

ABRA ESPAÇO PARA UM APRENDIZ.
OS CURSOS DO SENAC ESTÃO VOLTADOS
ÀS NECESSIDADES DAS EMPRESAS.


Senac